

Peer Gynt
(Henrik Ibsen)

Personagens

Aase (pronuncia-se Os) - viúva de um lavrador
Peer Gynt (pronuncia-se Gunt) - seu filho
Duas velhas que carregam sacos de trigo
Aslak - ferreiro
Convidados do casamento
Um casal de lavradores imigrados
Solveig e Helga - suas filhas
Lavrador rico de Haegstad
Ingrid - sua filha
O recém-casado e os seus pais
Três pastoras
A mulher de verde
A Velha de Roden
Gnomos, feiticeiros, duendes, ninfas, bruxas etc.
Um rapaz feio
Uma voz nas trevas
Kari - mulher de um capataz
Master Cotton - viajante
Monsieur Ballon - idem
Frau Eberkopf - idem
Serebriakov - idem
Um ladrão e um receptor
Anitra - filha de um chefe beduíno
Árabes
Escravas
Bailarinas
A Esfinge de Gizeh
Professora Begriffenfeld - Doutora em Filosofia e directora do Hospício do Cairo
Hussein - ministra de um potentado do Oriente
Um felá que carrega uma múmia real
Loucos e seus guardas
O capitão de um navio norueguês
Marinheiros
Um passageiro
Um sacerdote
Um cortejo fúnebre
Um alto funcionário
Um fundidor de botões
Uma personagem magra

(A ação começa nos primeiros anos do Século XIX e termina por volta de 1860. Desenrola-se no Vale de Gudbrande, nos fjords (montes) vizinhos, na costa de Marrocos, no deserto de Saara, no Hospício do Cairo, no mar, etc.)

ATO I
CENA 1

(Um arvoredado junto à quinta de Aase. Um ribeiro corre encosta abaixo. Mais adiante, um velho moinho. É um dia quente de verão. Peer Gynt, um rapaz de vinte anos, forte e saudável, desce pelo caminho seguido pela sua mãe, Aase, uma velhota frágil, que vem a ralhar com ele, furiosa)

AASE - Mentira, Peer!

PEER - *(Sem se deter)* Verdade, mãe!

AASE - Mentira!

PEER - Verdade!

AASE - Então jura!

PEER - Jurar?! Pra quê?

AASE - Ah, estás a ver? Não tens coragem! Só sabes inventar mentiras!

PEER - *(Parando)* Não, mãe, é tudo verdade, tim-tim por tim-tim!

AASE - *(Pondo-se à frente dele)* Ó fedelho, não tens vergonha de mentir assim para a tua mãe? Essa agora! Primeiro dizes que vais caçar lá p'ras montanhas e desapareces sem deixar rasto, por meses a fio, quando há tanto trabalho para se fazer na quinta, e nem te lembras da colheita nem nada. Depois voltas com essa cara de sonso, todo esfarrapado, sem espingarda, sem caça – e ainda queres que eu acredite nesse tal de cabrito gigante! Conversas de caçador! Onde é que encontraste um cabrito-montês desse tamanho?

PEER - Lá pros lados de Gendin.

AASE - *(irônica)* Sei, sei. E então...

PEER - Então... Bom: eu estava a andar contra o vento, um vento muito forte: ch, ch, chchch! Aí, por trás de uns troncos caídos, apareceu o cabrito-montês a esgravatar na neve, à procura de musgo.

AASE - *(idem)* Pois, pois, estou a ver.

PEER - Comecei a rastejar por entre as pedras, bem devagarinho, até chegar perto dele. Olha, mãe, sem exagero: nunca viste um cabrito assim tão grande, lustroso, espetáculo!

PEER - Aconteceu a ele e a mim também. As coisas podem acontecer duas vezes, ou não?

AASE - Ai, meu pai do céu, é uma avalanche de mentiras, umas atrás das outras! *(Chora)* Quem me dera estar morta e enterrada, a dormir debaixo da terra! Ah, Peer, estás perdido, não tens mais salvação!

PEER - Mãezinha querida, tens razão, és uma santa. Mas não fiques assim, vá lá, anima-te – alegria, alegria!

AASE - Cala-te! Que alegria posso eu ter com uma porcaria de filho como tu? Não vês o estado da quinta? As janelas já quase não têm vidros, tapadas com trapos velhos. A cerca foi ao chão, a cancela também, o gado anda à chuva e ao vento, sem ter onde se abrigar, os campos abandonados, e a cada mês é uma nova penhora que nos cai em cima...

PEER - Deixa-te de lamúrias, mãe, 'tás taralhouca! Quando menos se espera é que a sorte nos bate à porta!

AASE - Qual sorte qual carapuça! Foram-se os bons tempos! O que resta da fortuna do teu avô? Para onde foram as arcas cheias de moedas do velho Rasmus Gynt? O teu pai fê-las escoar por entre os dedos, como grãos de areia. Onde está o dinheiro que sustentava os banquetes, as festas e as bebedeiras? Agora ninguém mais põe os pés na nossa casa. Pois, é na desgraça que se conhecem os amigos. E tu, meu filho, que devias ser o apoio da tua velha mãe e defender o pouco que resta da tua herança, não passas de um mandrião, um inútil! Deus é testemunha de que nunca me deste qualquer ajuda! Só me fazes passar vergonha diante de todos com as tuas invencionices, e agora ainda deste para armar sarilhos com uma gentalha da pior espécie...

PEER - *(Afastando-se)* Sarilhos, eu? Qual sarilhos!...

AASE - *(Vai atrás dele)* Então não foste tu que começaste com aquela zaragata no outro dia, em Lunde? Não foste tu que partiste o braço ao Aslak, o ferreiro – ou, pelo menos, lhe esmigalhaste um dedo?

PEER - Quem é que te contou essas aldrabices?

AASE - A Kari, a mulher do capataz, ouviu os gritos dele.

PEER - Quem estava a gritar não era ele. Era eu.

AASE - Tu?

PEER - Sim, mãe, eu é que estava a levar pancada.

AASE - Tu???

PEER - E ele bate sem dó nem piedade.

AASE - Ele quem?

PEER - O Aslak, o ferreiro. Quem mais havia de ser?

AASE - Mas quê? Vais-me dizer que apanhaste daquele fanfarrão, daquele barril ambulante? (*Chora novamente*) Ah, já passei muita vergonha e humilhação, mas isso agora é demais! Mesmo que ele se arme em valente, isso é lá razão para seres cobarde e apanhaves de um gajo daquela laia?

PEER - Preso por ter cão e preso por não ter... Contigo, não tenho hipótese. (*Ri*) Fica tranquila, mãezinha, não é nada disso.

AASE - Lá vem outra aldrabice!

PEER - Não, mãezinha. Limpa-me lá essas lágrimas! (*Cerra o punho esquerdo*) Este braço foi a minha bigorna, estás a ver? E este foi o martelo com que eu dobrei o ferreiro.

AASE - Vês? Não passas de um rufião, um desordeiro! Assim vais dar cabo de mim e levar-me à cova!

PEER - Nem pensar, minha mãezinha tão querida e tão mazinha, tu mereces muito mais! Confia em mim: um dia a aldeia inteira há de curvar-se diante de ti. Espera só até que eu pratique uma ação importante, um feito glorioso!

AASE - Eu já me dava por feliz se aprendesses a remendar as tuas calças.

PEER - (*exaltado*) Pois eu hei de ser rei, imperador!

AASE - Deus me perdoe! Enlouqueceu de vez.

PEER - Hei de ser! Só preciso é de tempo.

AASE - Precisas é que te metam no manicômio, numa camisa de força! E bem que podias ter sido alguém na vida, se não tivesses a cabeça entulhada de mentiras e fantasias. A filha daquele ricaço de Haegstad, a Ingrid, não tirava os olhos de ti. Podia ter sido tua, se tivesses tino.

PEER - Achas mesmo?

AASE - (*Chora de novo*) Ah, meu filho! Uma rapariga riquíssima, filha única, da melhor sociedade – uma herdeira! E pensar que podias estar agora a dançar no teu casamento, em vez de chegares aqui todo sujo e andrajoso!

PEER - (*com vivacidade*) Vem daí, vá, vamos logo!

AASE - Vamos aonde?

PEER - A Haegstad, à casa da Ingrid.

AASE - Pobre do meu filho! Ias levar com a porta na cara.

PEER - Por quê?

AASE - (*Soluçando*) Porque enquanto andavas a cavalgar o teu cabrito-montês pelos ares, o Mads Moen pediu a mão da Ingrid.

PEER - Quem? Aquele espantalho que mete medo às raparigas? O Mads Moen???

AASE - Ele mesmo. E o casamento é já amanhã.

PEER - Ótimo. Podemos lá chegar ainda hoje. Vou atrelar o cavalo.

AASE - Estás doido? Queres matar-me de desgosto com a troça que vão fazer de nós?

PEER - Tem calma, mãe! Vai tudo correr bem, vais ver. (*Grita e ri ao mesmo tempo*) Vá lá, anima-te! Não vamos perder tempo a atrelar o cavalo.

(*Coloca Aase sobre os seus ombros*)

AASE - Larga-me!

PEER - Não, vou levar-te no lombo até ao casamento! Vamos lá, a galope! Vamos brincar ao Peer e ao cabrito. (*Galopa*) Eu sou o cabrito e tu és o Peer. Segura-te bem que vamos atravessar a torrente.

AASE - Socorro! Senhor, tende piedade! Peer! Vamo-nos afogar, Peer!

PEER - Seria uma morte indigna de nós. Eu nasci para destinos mais elevados.

AASE - Sim, da altura de uma forca. (*Puxa-lhe os cabelos*) Ah, desgraçado!

PEER - Pronto, já chegamos à outra margem. (*Continua por terra firme*) Agora vá: um beijinho aqui ao cabrito pela travessia.

AASE - (*dá-lhe uma bofetada*) Toma! Aqui tens a tua paga! E põe-me no chão, já!

PEER - Só quando chegarmos à casa da noiva. Tu vais falar por mim, és inteligente. Vais convencer o pai dela e fazer aquele velho parvo voltar atrás. Diz-lhe que o Mads Moen é um pateta.

AASE - Larga-me!

PEER - E que o Peer Gynt é um tipo porreiro.

AASE - Ah, deixa comigo. Vais ver o belo retrato que vou fazer de ti. Um retrato de corpo inteiro, sem esquecer nenhuma das tuas belas façanhas.

PEER - Estás a falar a sério?

AASE - (*Esperneia, furiosa*) Não me vou calar até que o velho solte os cães para cima de ti!

PEER - Ah, é? Então prefiro ir sozinho.

AASE - Vai, podes ir, mas eu vou atrás.

PEER - Não, mãezinha, tu não podes, não tens forças para isso.

AASE - Não tenho? Com a fúria com que estou, posso até partir pedra com os dentes! Larga-me já!

PEER - Só se prometeres que...

AASE - Não prometo nada. Vou lá contigo, para dizer a todos quem tu és!

PEER - Não senhora, eu não vou deixar.

AASE - E como é que me vais impedir?

PEER - Deixo-te em cima do telhado do moinho.

(Ergue-a até o telhado do moinho. Aase grita e esperneia)

AASE - Tira-me daqui!

PEER - Bem que eu queria, mas não tenho coragem. *(Aproximando-se)* Deixa-te estar quieta. Nada de coices nem de pontapés. E nem penses em atirar-me as telhas, que acabas por despenhar.

AASE - Miserável! Canalha! Má hora em que nasceste!

PEER - Mãe, olha o que estás a dizer! *(Aase cospe nele)* Em vez de estares p'raí a praguejar e a fazer birra, dá-me a tua bênção para a viagem, está bem?

AASE - Dou-te é uma boa coça, assim que descer daqui. Já és crescido, mas eu ainda chego para ti!

PEER - Então adeus, mãezinha querida. Tem paciência, eu não demoro muito. *(Volta-se e ergue o dedo em sinal de aviso)* E cuidado, não te ponhas a espernear. Olha que ainda te magoas.

(Sai)

AASE - Peer! Pelo amor de Deus! Não é que ele se foi embora mesmo? Ah, ginete de cabra, embusteiro, sem vergonha, anda cá! Sumiu na estrada. *(Grita)* Socorro! Estou com vertigens!

(Aparecem duas velhas com sacos às costas, em direção ao moinho)

VELHA - 1 - Jesus, quem é que está a gritar dessa maneira?

KARI - Anders, vem aqui, depressa!

VOZ DE HOMEM - *(em off)* O que é que se passa?

KARI - Foi o Peer Gynt que deixou a mãe dele no telhado!

CENA 2

(Uma colina coberta de arbustos e de urzes. No fundo, uma estrada rural, ladeada por uma sebe. Peer Gynt chega por um atalho, dirige-se com passos rápidos até a cerca, pára e contempla a paisagem que se estende diante dele)

PEER - Haegstad fica ali em baixo. Não tarda nada e estou lá. *(Começa a galgar a cerca e depois hesita)* Será que a Ingrid está sozinha em casa? *(Protege os olhos com a mão, olha à distância)* Não, os convidados vêm ali como formigas em carreiro. Hum... Talvez seja melhor eu voltar. *(Retira o pé que colocara por cima da cerca)* Lá vêm eles, sempre a cochichar e a rir nas minhas costas, estou farto disso! *(Afasta-se da cerca e arranca algumas folhas, distraído)*. Ah, se eu pudesse tornar-me invisível! Ou tomar um bom trago, para aguentar as galhofas...

(Olha assustado à sua volta e esconde-se por detrás dos arbustos. Passam alguns convidados a caminho do casamento, trazendo cestos de comida)

CONVIDADA 1 - *(Falando com outros)* O pai era um beberrão, a mãe é uma desmiolada...

CONVIDADA 2 - E o rapaz deu no que deu...

CONVIDADA 3 - Pois, quem sai aos seus não degenera.

(As pessoas riem e seguem o seu caminho. Pouco depois Peer aparece, corado de vergonha, e segue-os com o olhar)

PEER - *(Em voz baixa)* Era de mim que elas estavam a falar? *(Finge indiferença)* Que falem, quero lá saber! Não é com falatórios que vão dar cabo de mim. *(Atira-se no relvado junto aos arbustos e fica longo tempo deitado de costas a olhar para o céu)* Que nuvem tão engraçada! Parece um cavalo com os arreios, as rédeas e um ginete... Atrás vem uma velha, montada numa vassoura. *(Ri à socapa)* É a minha mãe, aos berros: “Peer, seu malandro! Canalha! Volta aqui, aldrabão!” *(Fecha lentamente os olhos)* Tu vais ver só, minha velha...

Quem cavalga tão imponente ao sol do meio-dia?

É Peer Gynt, o destemido – e a multidão delira!

É toda de prata a sua armadura,

E de ouro a espada que traz à cintura.

Olha, altaneiro, para a multidão imensa:

As mulheres inclinam-se em reverências

E os homens estendem-lhe os seus gorros.

Por onde ele passa chovem moedas de ouro!

Todos se tornam barões, e vivem de férias,

Não há mais tristeza, nem há mais miséria.

E o imperador Peer Gynt desfila intrépido,

Seguido pelos batalhões do seu exército!

Cavalga pelos ares e chega a outras terras,

Do outro lado do mar, visita o rei da Inglaterra.
As inglesinhas rendem-se aos seus encantos
E os nobres fazem-lhe um tapete com os seus mantos.
O próprio rei ergue um brinde, com vinho do porto,
E proclama bem alto:

(Aslak, o ferreiro, passa pela estrada na companhia de dois amigos)

ASLAK - É o Peer Gynt! Está bêbado, esse porco!

PEER - *(Erguendo-se um pouco)* Quem? O imperador...

AMIGO 1 - *(Troçando de Peer)* Vá, majestade, toca a acordar!

AMIGO 2 - Anda, mandrião, põe-te de pé!

PEER - Que diabo! É o ferreiro. O que é que tu queres, Aslak?

ASLAK - *(Para os outros)* Ainda está a curar a bebedeira da semana atrasada, em Lunde.

PEER - *(Levanta-se de um salto)* Cuida da tua vida, Aslak, deixa-me em paz.

ASLAK - *(após uma curta pausa)* Vais a caminho de Haegstad, não vais?

PEER - Não.

ASLAK - Disseram-me que a rapariga era doida por ti...

(Riem-se)

PEER - Não tens nada com isso!

ASLAK - Vá, não te zangues, Peer. Se a Ingrid já não quer saber de ti, muitas outras haverá. És o filho do Jan Gynt, porra! Sabem lá o que é isso?

(Riem-se)

AMIGO 1 - Vem connosco até a festa. Há lá ovelhinhas tenras...

AMIGO 2 - E cabras velhas!...

AMIGO 1 - Sem contar as viúvas...

ASLAK - Deve haver lá alguém que te queira. *(Tempo)* Não vais mesmo? Então adeus! Vou cumprimentar a noivinha por ti.

(Saem a rir e a cochichar. Peer segue-os com o olhar por algum tempo, encolhe os ombros e dá meia-volta)

PEER - A Ingrid que se case com quem bem quiser. Estou-me a marimbar p'ra ela. *(Olha para trás, assustado)* Quem está aí? Estão a gozar comigo? Não, não é ninguém. *(Dá pontapés no ar)* Ah, essa corja! Se eu pudesse, arrancava as graçolas da garganta deles com uma faca! *(Olha para o caminho)* Vou voltar para casa. *(Começa a andar, mas pára e escuta o som que vem de Haegstad, ao longe)* Já começaram a tocar para o baile... *(Olha e escuta. Os seus olhos brilham, começa a esfregar as pernas)* Tentação do diabo! E a minha mãe, que eu deixei pendurada no telhado? *(Contra a vontade, olha novamente para Haegstad, e começa a pular e a rir)* Olha, já estão todos a dançar! Bandos de raparigas, umas sete ou oito para cada homem. Ah, não! Eu tenho que ir a essa festa!

(Salta por cima da cerca e desce pelo caminho)

CENA 3

(O pátio de uma quinta em Haegstad. A casa da família ao fundo. Grupos de convidados. Baile animado no relvado. As pessoas mais velhas estão sentadas aqui e ali a conversar)

CONVIDADA 1 - A noiva? Pois, está a chorar um bocadinho, mas isso é normal.

PAI DA NOIVA - Bebam, amigos, bebam! Temos que esvaziar os barris.

PAI DO NOIVO - Pra já não, obrigado. Tu nem dás tempo de respirar entre um copo e outro.

ASLAK - *(Para os músicos)* E então, essa música? Não há nada mais animado?

RAPARIGA 1 - *(Para Aslak)* Anda, vamos-lhes mostrar como se dança.

RAPARIGA 2 - Essa é que é essa!

NOIVO - *(Aproxima-se do pai a choramingar, que conversa com algumas convidadas, e puxa-o pela manga do casaco)* Ela não quer, pai, por nada deste mundo! É tão teimosa!

PAI DO NOIVO - Não quer o quê?

NOIVO - Trancou-se à chave no quarto dela.

PAI DO NOIVO - Então trata de encontrar a chave.

MÃE DO NOIVO - Vá, Mads Moen, obedece ao teu pai.

NOIVO - Não sei onde hei de procurar.

PAI DO NOIVO - És mesmo parvo!

(Dá-lhe as costas. O Noivo afasta-se e atravessa o pátio)

RAPARIGA X - *(Vinda de trás da casa)* Agora é que isto vai ficar divertido. O Peer Gynt acabou de chegar.

ASLAK - E quem o convidou?

MÃE DO NOIVO - Ninguém. Ninguém o convidou.

ASLAK - *(Para as raparigas)* Se ele vos vier falar, não lhe dêem atenção. Voltem-lhe as costas.

RAPARIGA Y - Isso, vamos fazer de conta que não o conhecemos.

RAPARIGA Z - Vamos fingir que nem o vemos.

PEER - *(Chega quase sem fôlego, cheio de entusiasmo, pára à frente do grupo e bate palmas)* Qual de vocês é a que dança melhor?

RAPARIGA Y - Eu não. Sou coxa.

RAPARIGA Z - Nem eu. Fiz uma bolha no pé.

PEER - *(Para a Rapariga X)* Então vem tu mesma, antes que me apareça outra melhor.

RAPARIGA X - Eu vou para casa a pé, não posso cansar-me.

PEER - Esta noite? Estás maluca ou quê?

RAPARIGA X - Vou a pé e acompanhada pela coxa.

(Riem todos)

ASLAK - Olha, Peer, é melhor tirares um velho para dançar.

(As risadas tornam-se mais fortes. Afastam-se dele. Peer fica sem ação. Depois, dirige-se para um grupo de convidados, com o olhar tímido e indeciso. Todos o observam, mas ninguém fala com ele. Tenta aproximar-se de outros grupos, mas quando ele se aproxima, todos se calam. Quando ele se afasta, seguem-no com os olhos e com sorrisos de mofo)

PEER - *(Em aparte)* Ah, esses olhares... As risotas, os pensamentos venenosos, cortantes como facas afiadas!

(Vagueia ao longo da cerca. Solveig entra no pátio, trazendo pela mão a irmã mais nova e seguida pelos pais)

CONVIDADA 1 - *(Para os outros)* Vejam, ali vêm os novos vizinhos.

CONVIDADA 2 - São imigrantes de leste, não são?

CONVIDADA 3 - Parece que são baptistas, ou de outra seita qualquer.

PEER - *(Barra o caminho aos recém-chegados e pergunta ao Pai, indicando Solveig)* Posso dançar com a sua filha?

PAI DE SOLVEIG - *(Cordialmente)* Com muito prazer. Mas primeiro temos que cumprimentar os donos da casa.

PAI DA NOIVA - Entrem, sejam bem-vindos.

AMIGO 1 - *(Para Peer)* Bom, agora que vieste, vamos aos copos.

PEER - *(Segue com o olhar os recém-chegados)* Obrigado, não tenho sede. Só quero dançar. *(O Amigo 1 afasta-se. Peer olha para a casa e sorri)* Como é linda! Nunca vi nada igual. Os olhos baixos, agarrada à saia da mãe, o missal enrolado no lenço... Não posso perder de vista essa rapariga!

AMIGO 2 - Porque é que não danças, Peer?

AMIGO 1 - É que ele começou com o pé esquerdo.

(Puxa-o por um dos braços, obrigando-o a dar uma volta)

PEER - Solta-me!

AMIGO 2 - *(Mesmo jogo)* O Mads Moen quer falar contigo.

PEER - Deixa-me em paz!

AMIGO 1 - Estás com medo do ferreiro, é?

PEER - Medo, eu?

AMIGO 2 - Já esqueceste o que te aconteceu em Lunde?

(Os Amigos riem e dirigem-se para o baile)

SOLVEIG - *(Na soleira da porta)* Foste tu que me convidaste para dançar?

PEER - Eu mesmo. Então não te lembras? *(Toma-a pela mão)* Vem.

SOLVEIG - Para muito longe não. A minha mãe não quer.

PEER - “A mamã não quer, a mamã não quer...” Nasceste ontem, por acaso?

SOLVEIG - Estás a zombar de mim?

PEER - É que pareces tão novinha... Que idade tens?

SOLVEIG - Quinze. Fiz a confirmação na primavera.

PEER - Como é que te chamas? Assim podemos conversar melhor.

SOLVEIG - Eu chamo-me Solveig. E tu?

PEER - Peer Gynt.

SOLVEIG - *(Solta-lhe a mão)* Ah!

PEER - O que foi?

SOVEIG - Acho que a minha irmã está a chamar-me. *(Afasta-se)*

NOIVO - *(Puxando a mãe pela saia)* Mãe, ela não quer, ela não me deixa!

MÃE DO NOIVO - Não deixa o quê?

NOIVO - Abrir. Abrir a porta.

PAI DO NOIVO - *(Furioso, a meia-voz)* Tu devias era estar no estábulo, atrelado aos bois.

MÃE DO NOIVO - Não sejas assim com ele, pobrezinho! No final vai dar tudo certo, meu querido.

PAI DO NOIVO - Esse não tem jeito. É um boçal de marca!

(Afastam-se)

ASLAK - *(Vem com outros da dança)* Então Peer, vai um trago?

PEER - Não.

AMIGO 1 - Só um gole, pra aquecer.

PEER - *(Desconfiado)* Tens aí?

AMIGO 1 - Por acaso, tenho. *(Tira um frasco pequeno do bolso e bebe)* Hum, essa é das boas! Queres ou não?

PEER - Dá cá.

(Bebe)

ASLAK - Agora tens que provar da minha.

PEER - Não.

ASLAK - Olha a desfeita! Deixa de ser parvo. Bebe, meu!

PEER - Tá, mas só um gole.

RAPARIGA Y - Parem com isso. Deixem-no. *(Para Aslak)* Vamos dançar.

(Sai com Aslak)

PEER - Por quê? A menina tem medo de mim?

AMIGO 2 - Quem é que não tem medo de ti?

RAPARIGA Z - Temos medo é da tua bebida.

AMIGO 1 - Em Lunde tu mostraste bem do que és capaz!

PEER - Vocês não sabem do que eu sou capaz. Ainda não viram nada.

RAPARIGA Z - *(A meia-voz)* Pronto, já lhe subiu à cabeça. Agora é que vai ser.

RAPARIGA X - Ei, malta, venham todos pr'aqui!

CONVIDADA 1 - Conta, conta lá do que és capaz.

PEER - Esperem por amanhã. Vocês verão.

CONVIDADA 2 - Sabes fazer feitiço, é?

PEER - Sei invocar o diabo.

CONVIDADA 2 - Isso a minha avó já fazia antes de eu nascer.

PEER - Mentira! Ninguém é capaz de fazer o que eu faço. Já fiz o diabo entrar dentro de uma noz. Claro que tinha um burquinho feito pelos bichos, percebem?

VOZES *(Rindo)* Claro que sim! Sim, percebemos! *(etc. etc.)*

PEER - Vocês nem imaginam como ele zumbia, urrava e dava cambalhotas dentro da noz! Prometia-me todas as riquezas do mundo se eu o soltasse.

RAPARIGA 2 - Mas porque é que ele não saía lá de dentro?

PEER - Porque eu tapei o burquinho com uma lasca de madeira.

TODOS - Pois, pois, com certeza! *(etc. etc.)*

CONVIDADA 1 - E ainda o tens dentro da noz?

PEER - Não. Foi por causa dele que o Aslak e eu brigamos.

AMIGO 1 - Como foi isso?

PEER - Eu fui à forja e pedi ao Aslak que partisse a noz. Ele pôs a noz em cima da bigorna, mas como é muito estúpido e tem a mão pesada, deu uma martelada forte demais...

AMIGO 2 - ... E matou o diabo!

PEER - Não, mas deu-lhe tamanha porrada que o demônio fugiu e atravessou o telhado como um raio... Zum!

RAPARIGA 2 - E o ferreiro?

PEER - Mijou-se todo de medo. Ficou ali especado, com as mãos todas queimadas e as calças molhadas... Desde esse dia que deixamos de ser amigos.

(Riso geral)

RAPARIGA 1 - Essa tem piada.

CONVIDADA 2 - Já tinha ouvido essa história, só que um pouco diferente.

PEER - Ah, vocês acham que eu estou a inventar, é?

CONVIDADA 1 - Não, de modo algum! Só que a minha avó já me contava a maior parte das tuas histórias.

PEER - Mentira! Tudo isso aconteceu mesmo comigo.

CONVIDADA 2 - Pois, pois, é o que todos dizem.

PEER - *(Com élan)* Palavra! Eu sou capaz de atravessar os ares montado num cavalo com ferraduras de prata! Vou passar como um furacão sobre as vossas cabeças, e a aldeia inteira vai cair de joelhos diante de mim!

PAI DA NOIVA - É doido varrido!

VÁRIOS - Fanfarrão! Embusteiro! Palhaço! Mentiroso! *(etc. etc.)*

PEER - *(Ameaçando-os)* Esperem só para ver!

(Os convidados dispersam-se. Os mais velhos, irritados; os jovens riem e fazem troça)

NOIVO - *(Aproximando-se dele)* Ouve lá, Peer: é mesmo verdade que sabes cavalgar pelos ares?

PEER - *(Com energia)* Sei fazer tudo, Mads. Nem imaginas do que eu sou capaz!

NOIVO - Então também deves ter a capa que torna as pessoas invisíveis?

PEER - O chapéu, queres dizer. Tenho, tenho sim.

NOIVO - Olha, tens de me fazer um favor.

(Solveig atravessa o pátio, trazendo Helga pela mão. Peer corre até ela)

PEER - Solveig! Ainda bem que voltaste! *(Segura-a pelos punhos)* Agora vais dançar comigo!

SOLVEIG - Larga-me.

PEER - Porquê?

SOLVEIG - És muito bruto.

PEER - Sou bruto como o alce quando chega o verão. Anda, rapariga, não sejas tão arisca.

SOLVEIG - *(Soltando-se)* Não vou.

PEER - Porquê?

SOLVEIG - Porque andaste a beber.

(Afasta-se com Helga)

PEER - Aqueles porcos! Ah, enfiar-lhes uma faca na barriga, bem fundo!

NOIVO - *(Puxando-o pelo braço)* Não dás um jeito de me fazer entrar onde a minha noiva se trancou?

PEER - A Ingrid? Onde é que ela está?

NOIVO - No celeiro.

PEER - Bom, e então?

NOIVO - Vá lá, Peer, podias tentar. Vai tirá-la de lá. Faz isso por mim.

PEER - Não, vai tu mesmo. *(De repente, muda de idéia. Em voz baixa, incisivo)* A Ingrid está no celeiro. *(Aproxima-se de Solveig)* Pensaste bem? Não queres mesmo dançar? *(Solveig afasta-se, mas ele lhe barra o caminho)* Tens vergonha de mim por quê? Porque eu pareço um vagabundo, não é?

SOLVEIG - Não, não pareces nada.

PEER - Pareço, sim, e estou meio bêbado. Mas foi só por despeito, porque tu me magoaste. Vem cá!

SOLVEIG - Não posso, mesmo que eu quisesse.

PEER - De que é que tens medo?

SOLVEIG - Do meu pai, principalmente.

PEER - Do teu pai? Ah, pois, ele tem cara de crente. É um rato de igreja, não é? Vá lá, responde!

SOLVEIG - O que é que queres que eu diga?

PEER - E a tua mãe também? E tu, hein? Fala, fala!

SOLVEIG - Deixa-me em paz.

PEER - Não. *(A meia-voz, em tom ameaçador)* Eu sei transformar-me em lobisomem. À meia-noite vou estar à beira da tua cama. Se ouvires alguém a arfar e a gemer, não penses que é o gatinho, não – sou eu, o vampiro, que te vou morder a coxa! Ouviste bem? Vou sugar o teu sangue e pô-lo numa taça, e vou comer a tua irmã à dentada. *(Muda de tom subitamente e suplica-lhe, com grande angústia)* Dança comigo, Solveig!

SOLVEIG - *(Olha-o com tristeza)* Tu sabes ser mau, quando queres.

(Entra na casa)

NOIVO - Se me ajudares, dou-te uma vaca de presente.

PEER - Vamos lá.

(Desaparecem por detrás da casa. Um grupo entra no pátio, vindo do baile. Muitos dos homens estão bêbados. Barulho, tumulto. Solveig, Helga e seus pais aparecem na porta da casa, com algumas pessoas mais velhas)

PAI DA NOIVA - Calma, rapazes, calma!

ASLAK - *(Tirando o casaco)* Não, já chega! Vamos resolver esse assunto de uma vez por todas! Essa história da noz foi a gota d'água! É o Peer Gynt ou eu! Um dos dois vai ficar sem os dentes!

AMIGO 2 - É isso! Deixem que eles lutem, os dois!

CONVIDADA 1 - Não, onde é que já se viu brigar num casamento?

CONVIDADA 2 - Não é preciso brigar, basta ver qual dos dois diz mais asneiras.

ASLAK - Chega de conversa fiada. Acabou-se. Agora vai ser no braço!

PAI DA NOIVA - Calma, Aslak, controla-te, por favor.

ASLAK - Mas o senhor não ouviu o que ele estava pr'aí a contar?

HELGA - Mamã, eles querem bater no Peer Gynt?

MÃE DE SOLVEIG - Não, filhinha, é só uma brincadeira.

AMIGO 1 - Deixem o gajo inventar mentiras para nos divertir.

AMIGO 2 - Vamos é expulsá-lo daqui a pontapés!

CONVIDADA 2 - Cuspir na cara dele!

ASLAK - *(Atira o casaco ao chão)* Basta! Vou matar esse porco!

SOLVEIG - Meu Deus, pai, faça alguma coisa!

PAI DE SOLVEIG - Estás a ver como ninguém respeita esse tipo?

AASE - *(Chega apoiada num bastão)* Onde é que está o meu filho? Agora é que ele vai ver o que é bom! Vou moer-lhe as costas de pancada!

ASLAK - *(Arregaçando as mangas da camisa)* Não é só de pancada que esse gajo precisa. É de outra coisa.

CONVIDADA 2 - Ih, o ferreiro vai dar cabo dele.

CONVIDADA 1 - Vai quebrar as costelas do teu filho.

ASLAK - *(Cospe na mão e tira a faca do cinto)* Deixem comigo, eu vou esfolá-lo vivo.

AASE - O quê? Esfolar o meu menino? Tu??? Experimenta, para ver o que te acontece! A velha Aase ainda tem unhas e dentes para te picar em pedacinhos! Onde é que ele está? *(Grita)* Peer!

NOIVO - *(Entra esbaforido)* Ah, meu Deus! Meu Deus do céu! Mãe! Pai! Acudam-me!

PAI DO NOIVO - Essa agora! O que é que se passa?

MÃE DO NOIVO - O que foi, meu filho, o que foi?

NOIVO - Foi o Peer Gynt...

AASE - *(Num grito)* Mataram o meu filho!

NOIVO - Não, o Peer Gynt...olhem lá para cima, lá na montanha!

VOZES - O Peer Gynt e a Ingrid...! O Peer fugiu com a noiva!

AASE - *(Deixa cair o bastão)* Ah, patife!

ASLAK - *(Estupefacto)* Chiça! Ele trepa pelo fjord como um cabrito-montês!

NOIVO - *(Choramíngua)* Olha, mãe, ele carrega a Ingrid como quem leva uma ovelhinha!

AASE - *(Ameaçando-o à distância)* Quem dera que te despenhasses aí de cima e... *(Com um grito de angústia)* Cuidado, Peer! Vê lá onde pões os pés!

PAI DA NOIVA - *(Chega pálido de fúria)* Venham todos comigo! Ele raptou a noiva!
Eu mato esse desgraçado!

AASE - *(Pega novamente no bastão)* Só se passares por cima do meu cadáver, por Deus do céu!

(Grande tumulto e confusão)

ATO II **CENA 1**

(Um caminho estreito nas montanhas. É de manhã. Peer Gynt caminha apressado e de mau humor. Ingrid, com restos do vestido de noiva, tenta detê-lo)

PEER - Deixa-me! Vai-te embora!

INGRID - *(Chorando)* Depois do que aconteceu? Vou para onde?

PEER - Por mim, podes ir para onde quiseres.

INGRID - Ah, meu Deus! Traidor! Traidor!

PEER - Para quê perder tempo com lamúrias? Cada um é livre de seguir o seu caminho.

INGRID - Não! Não somos livres! Estamos ligados por um crime!

PEER - Qual crime qual carapuça! O passado que vá pro diabo! As mulheres que vão pro diabo! Todas! Menos uma.

INGRID - Quem?

PEER - Tu não és, de certeza.

INGRID - Então quem? Vamos, diz lá!

PEER - Ah, deixa-me! Volta para casa, anda! Vai para a casa do teu pai!

INGRID - Peer, meu querido...

PEER - Pára com isso!

INGRID - Tu não tens o direito! Primeiro seduzes-me e depois abandonas-me?

PEER - Por que esse espanto? O que é que tens para me oferecer?

INGRID - A herdade de Haegstad e ainda muito mais. Serás rico e respeitado.

PEER - O preço é muito alto. *(De súbito)* Por acaso trazes um missal envolto no teu lenço? Caminhas de olhos baixos, agarrada à saia da tua mãe? Responde!

INGRID - Não, mas...

PEER - Foste crismada nesta primavera?

INGRID - Não, Peer, mas...

PEER - E o teu olhar é tímido e esquivo? Eras capaz de dizer “não” se eu te implorasse um “sim”?

INGRID - Estás doido ou quê?

PEER - E o sol começa a brilhar quando apareces? Fala!

INGRID - Não, mas...

PEER - Então, que me importa o resto?

(Vai sair)

INGRID - *(Impede-o)* Vê lá: se me abandonares, eles vão te enforcar.

PEER - Quero lá saber.

INGRID - *(Desata a chorar)* Tu seduziste-me!

PEER - Tu nem resististe...

INGRID - Eu estava desesperada!

PEER - E eu estava bêbado.

INGRID - *(Ameaçando-o)* Vais pagar caro pelo que fizeste.

PEER - Vai-me sempre sair barato.

INGRID - Está bem, se é assim que queres.... Vamos ver quem chora por último.

(Desce pelo caminho)

PEER - *(Após um tempo de silêncio, grita)* O passado que vá pro diabo! As mulheres que vão todas pro diabo!

INGRID - *(Volta-se, com sarcasmo)* Todas – menos uma!

PEER - É: menos uma.

(Afastam-se em direções opostas)

CENA 2

(Um lago na montanha, de margens úmidas e pantanosas. Prepara-se uma tempestade. Aase, desesperada, grita e olha em volta. Solveig tem dificuldade em acompanhar-lhe o passo. Os pais dela e Helga seguem um pouco atrás)

AASE - *(Grita)* Peer! Peer! *(Desesperada)* Não adianta, está tudo contra mim: este maldito fjord com as suas avalanches e aquela gentalha que o quer matar! Pobrezinho do meu filho, caiu na tentação do diabo! Mas que parvo! *(Volta-se para Solveig)* Custa a acreditar! Ele, que só sabe mentir e inventar histórias, que nunca fez nada que prestasse, ele que... Nunca sei se hei de rir ou de chorar. Estivemos sempre os dois unidos, nos bons e nos maus tempos. O meu marido, esse, só sabia beber e sair por aí, a esbanjar tudo o que recebeu de herança. E nós ficávamos em casa, o meu menino e eu, a tentar não ver o que se passava. O que mais podíamos fazer? Talvez a culpa seja minha, que nunca chamei o meu marido às falas. É tão difícil enfrentar a realidade, o melhor é esquecer e pensar noutra coisa. Uns agarram-se às garrafas, outros às mentiras, à fantasia. Nós buscávamos refúgio nas histórias da carochinha, nos contos de príncipes, de gnomos, trolls e duendes, de animais encantados e noivas raptadas às portas da igreja. Mas quem iria pensar que essas histórias acabariam por virar a cabeça dele? *(Novamente aterrorizada)* Ai! Que grito é este? Será um vampiro ou um fantasma? Peer! Peer! Ali, ali em cima, na colina!

(Solveig sobe ao topo de uma pequena elevação e olha à distância. Os pais de Solveig e Helga conseguem alcançá-las)

SOLVEIG - Não dá para ver nada com o nevoeiro.

PAI DE SOLVEIG - *(Calmo)* Pior para ele.

AASE - *(A chorar)* Oh, Peer, meu cordeirinho perdido!

PAI DE SOLVEIG - É, “perdido” – é a palavra certa.

AASE - Não diga isso. Ele é tão esperto. Não há ninguém como ele.

PAI DE SOLVEIG - Mulher insensata.

MÃE DE SOLVEIG - Calma, querido.

AASE - Não, é verdade, eu posso não ter juízo, mas o meu filho é um bom rapaz.

PAI DE SOLVEIG - *(Em voz baixa, com uma doçura grave)* Ele tem um coração de pedra. Vendeu a alma ao diabo.

AASE - *(Angustada)* Não, não é possível! Nosso Senhor é misericordioso.

PAI DE SOLVEIG - A senhora acha que ele é capaz de se arrepender?

AASE - *(Vivamente)* Bom, isso eu não garanto. Mas é capaz de atravessar o céu montado num cabrito.

MÃE DE SOLVEIG - Jesus Santíssimo! A senhora enlouqueceu?

PAI DE SOLVEIG - O que é que está pr'aí a dizer, mulher?

AASE - Não há nada no mundo que ele não possa fazer. Vocês ainda hão de ver, se Deus lhe der vida para tanto.

PAI DE SOLVEIG - Para ele, o melhor era ser enforcado.

AASE - *(Grita)* Ai, Deus me livre!

PAI DE SOLVEIG - Ao ver a forca, talvez o seu coração se arrependesse.

AASE - *(Confundida)* Ai, que eu desmaio só de pensar! Chega dessa conversa. Temos é de encontrar o meu filho!

PAI DE SOLVEIG - Para salvar a sua alma.

AASE - E o seu corpo também. Se ele se afundou no pântano, temos de o tirar de lá. Se está nas mãos dos duendes, temos de fazer tocar os sinos.

PAI DE SOLVEIG - Por aqui há umas pegadas.

AASE - Deus os abençoe pela ajuda que me estão a dar.

MÃE DE SOLVEIG - É o nosso dever de cristãos.

AASE - Então os outros são todos pagãos, pois ninguém me quis acompanhar.

PAI DE SOLVEIG - É que já o conhecem de sobra.

AASE - Pois vale mais do que todos eles juntos.

PAI DE SOLVEIG - Chegamos à pastagem. É melhor procurarmos em sentidos diferentes.

(Ele e a mulher vão em frente)

SOLVEIG - *(Para Aase)* Conte-me mais coisas dele.

AASE - *(Enxuga as lágrimas)* Do meu filho?

SOLVEIG - Sim. Conte-me tudo.

AASE - *(Sorri e ergue a cabeça, com orgulho)* Tudo? É muita coisa... Vais ficar cansada.

SOLVEIG - Mais cedo a senhora se vai cansar de falar do que eu de a ouvir.

CENA 3

(Colinas ao pé dos fjords. Ao longe, cumes nevados. Alongam-se as sombras. Declina o dia. Peer chega a correr, quase sem fôlego)

PEER - A aldeia inteira atrás de mim! Todos armados de paus e espingardas, com o pai da noiva à frente, a espumar de raiva. Pois, agora só se fala no Peer Gynt, mas sem risotas – já não é uma luta banal com um ferreiro. *(Salta e dá murros no ar, contra inimigos imaginários)* Ah, isso é que é viver! Lutar! Remar contra a correnteza! Arrancar árvores pela raiz! Isso é ser forte, é ser grande! Chega de mentiras e invencionices!

(Três raparigas descem pela colina, gritando e cantando)

PASTORA 1 - Trond!

PASTORA 2 - Kore!

PASTORA 3 - Baard!

AS TRÊS - Duendes das montanhas, venham logo,
Pra folgar e apagar o nosso fogo!

PEER - O que é que estão pr'aí a dizer, suas tontas?

AS TRÊS - Pr'os duendes, as nossas camas já estão prontas.

PASTORA 1 - Para Trond, o forte.

PASTORA 2 - Para Kore, o brando.

PASTORA 3 - E para o Baard, que só vem de vez em quando.

(Riem)

PASTORA 1 - Força é brandura.

PASTORA 2 - Brandura é força.

PASTORA 3 - Se não há rapazes para brincar,
Chama-se os duendes pra gozar.

PEER - E então os rapazes? Onde é que se meteram?

AS TRÊS - *(Riem ruidosamente)* Em grandes sarilhos! Desapareceram!

PASTORA 1 - O meu, que jurava um amor imortal,
Casou com uma viúva e deu-se muito mal.

PASTORA 2 - O meu engatou uma puta banal.

PASTORA 3 - O meu afogou o nosso filho natural
E foi mandado à forca pelo tribunal.

AS TRÊS - Trond! Kore! Baard! Venham depressa!
Já estamos fartas de falsas promessas.

PEER - *(De um salto, põe-se no meio delas)* Três duendes? Mais valho eu, então!

AS TRÊS - *(Com risos de mofa)* Ha, ha, ha! Vejam só o cabrão!
Ele quer um harém, pensa que é um sultão!

PEER - As meninas não sabem o que é um garanhão.
Vou dar cabo da cama e afundar o colchão!

PASTORA 1 - Queres as três juntas, ou uma por vez?

PEER - Pra mim, tanto faz como tanto fez.

PASTORA 2 - Temos vinho e aguardente lá na nossa casa.

PASTORA 3 - *(Abraçada a ele)* Meninas, ele queima como ferro em brasa!

PASTORA 2 - *(Beija-o)* A boca é uma selva!...

PASTORA 3 - *(Idem)* A língua é um tronco!...

PASTORA 1 - ...E o resto parece que já está no ponto!

PEER - *(Dança com elas)* Coração de pedra num corpo que canta.
O riso no olhar, o choro na garganta.

AS TRÊS - *(Com gestos de desprezo na direção dos montes)* Adeus Trond, Kore,
Baard, até pra semana, Já temos outro pra dormir na nossa cama!

(Sempre a dançar, arrastam Peer para as montanhas)

CENA 4

(A cordilheira de Rondan, Pôr do sol. No horizonte, cumes nevados iluminados pelo crepúsculo)

PEER - Que dor de cabeça atroz! *(Atira-se ao chão)* Pois, acho que andei a fazer das
minhas, novamente – Ou foi só um sonho, com as três pastoras nuinhas? Que sonho tão
estranho... *(Olha para o alto)*

Lá no céu uma águia orgulhosa voa,
Os patos selvagens seguem rumo ao sul,
E eu cá em baixo perco tempo à toa....

(Levanta-se num salto) Eu quero ir convosco!
Quero banhar-me nesse céu azul,

Quero cruzar mares e terras,
E abraçar meu amigo, o rei da Inglaterra!
Adeus, raparigas faceiras!
Vou onde a sorte me manda,
Como inconstante centelha,
E só volto a essas bandas
Se um dia me der na telha!
Peer, tu descendes de uma nobre raça,
E ainda vais provar o teu valor:
Por mais que o mundo te faça ou desfaça,
Um dia hás de tornar-te imperador!

(Lança-se a correr para diante, mas tropeça numa rocha, cai e fica estendido no chão)

CENA 5

(Um bosque de árvores frondosas, agitadas pelo vento. As estrelas cintilam através da ramagem. Os pássaros cantam nas copas das árvores. Uma mulher vestida de verde atravessa o bosque. Peer segue-a, com gestos apaixonados)

MULHER DE VERDE - *(Para e volta-se para ele)* Verdade, mesmo?

PEER - Verdade nua e crua. Tão verdade como eu me chamar Peer e tu seres belas. Queres ser minha? Vais ver como eu sou gentil e delicado! Não terás de tecer, nem fiar, não terás nada para fazer o dia inteiro: só comer até rebentar. E eu nunca te vou arrastar pelos cabelos.

MULHER DE VERDE - E nunca me vais bater?

PEER - O quê?! Já viste um filho de reis bater numa mulher?

MULHER DE VERDE - Ah, então também és filho de reis? Eu sou filha da rainha dos duendes.

PEER - Ai és? Olha, olha, que coincidência!

MULHER DE VERDE - A minha mãe tem um castelo nas montanhas de Ronden.

PEER - Mas o palácio da minha mãe é muito maior.

MULHER DE VERDE - Conheces a minha mãe, a rainha Brose?

PEER - E tu conheces a minha, a rainha Aase?

MULHER DE VERDE - Quando a minha mãe se zanga, as montanhas tremem.

PEER - Sempre que a minha mãe ralha, há uma avalanche.

MULHER DE VERDE - Quando a minha mãe salta, alcança os tetos mais altos.

PEER - A minha voa por sobre os tetos dos moinhos!

MULHER DE VERDE - Tens outra roupa para além desses trapos?

PEER - Se visses o meu traje de gala... Vesti-me assim para poder passear incógnito.

MULHER DE VERDE - Eu visto-me sempre de ouro e seda.

PEER - A mim parece-me palha e estopa.

MULHER DE VERDE - Sim, porque no reino dos duendes tudo tem um duplo aspecto, percebes? Nada é o que parece ser. Se fores ao castelo da minha mãe, por exemplo, vais pensar que estás diante de um amontoado de pedras.

PEER - Na minha casa passa-se o mesmo! O nosso ouro vai-te parecer pó de barro; e em vez dos vidros de cristal nas janelas, verás apenas trapos velhos pendurados.

MULHER DE VERDE - O preto é branco, o feio é bonito.

PEER - O grande é pequeno, o sujo é puro.

MULHER DE VERDE - *(Abraçando-o)* Peer, já vi que fomos feitos um para o outro!

PEER - Como a bota para o pé.

MULHER DE VERDE - *(Chama)* Hei, meu corcel de núpcias! Vem cá, meu cavalinho!

(Surge um enorme javali, com uma corda a fazer de rédea e um saco velho como sela. Peer monta e põe a Mulher de Verde à sua frente)

PEER - É pela nobre arte da sela que se conhece o grande homem! Upa, upa, meu valente corcel! Castelo de Ronden, lá vamos nós!

(Chicoteia o javali. Partem em disparada)

CENA 6

(Sala do trono da Rainha de Ronden. Grande assembléia dos trolls, duendes e gnomos. A Rainha dos trolls está sentada no trono, com o cetro e a coroa. Os filhos e os parentes mais próximos encontram-se de ambos os lados. Peer Gynt está à frente dela. Grande tumulto)

TROLL 1 - Um cristão seduziu a filha mais bela da Rainha!

TROLL 2 - Que morra!

TROLL 3 - Matem-no! Matem-no já!

TROLL 4 - Posso cortar-lhe um dedo?

TROLL 5 - Corta-lhe um pé.

TROLL 6 - Arranca-lhe o nariz.

TROLL 7 - Posso dar-lhe uma dentada na coxa?

BRUXA 1 - *(Com uma grande colher)* Vamos cozê-lo na sopa?

BRUXA 2 - *(Com um facão de cozinha)* Não, vamos assá-lo no espeto!

BRUXA 3 - *(Com uma grande frigideira)* Salteá-lo na frigideira!

RAINHA - Calma, meus filhos! Para quê tanto barulho e confusão! Vamos manter as cabeças frias! *(Faz sinal aos duendes para se aproximarem dela)* Já faz tempo que estamos decadentes. Nem sabemos se nos vamos aguentar ou afundar. Portanto, não é hora de recusarmos um apoio que vem do exterior. A aliança com os humanos significa sangue novo, e andamos precisados disso. E depois, o que é que tanto criticam nesse rapaz? Ele parece forte, muito bem constituído. É verdade que só tem uma cabeça, mas a minha filha, que é minha filha, também só tem uma.

MINISTRA - Os duendes de três cabeças estão fora de moda; até os de duas cabeças são difíceis de encontrar, hoje em dia – isso para não falar da qualidade das cabeças.

RAINHA - *(Para Peer)* Então queres a mão da minha filha?

PEER - E o teu reino como dote.

RAINHA - Eu te concedo a metade enquanto estiver viva, e o resto depois da minha morte.

PEER - Feito.

RAINHA - Calma lá, rapaz! Tu também tens de aceitar algumas condições.

MINISTRA - Basta não cumprires uma só delas para o acordo ficar sem efeito e tu não saíres daqui com vida.

RAINHA - Antes de tudo, tens de prometer o seguinte: nunca pensar no que se passa fora das nossas fronteiras; renunciar à luz do dia, nunca agir nem ver com clareza!

PEER - Desde que eu seja rei, pouco me importa.

MINISTRA - E agora vamos pôr a tua inteligência à prova: qual é a diferença entre um duende e um homem?

PEER - Tanto quanto eu sei, nenhuma. Os duendes grandes querem engolir-te, os pequenos querem morder-te. Os homens, se calhar, fazem o mesmo.

RAINHA - É verdade, nisso somos parecidos – e em muitas coisas mais. Mas o dia é dia e a noite é noite, portanto sempre há uma diferença. Vou dizer-te qual é: lá fora, no

mundo dos homens, diz-se "Homem, sê tu mesmo!" Aqui, no reino dos trolls, diz-se: "Troll, basta-te a ti mesmo!"

MINISTRA - Percebeste a profundidade da ideia? "Troll, basta-te a ti mesmo!"

PEER - É, mais ou menos...

RAINHA - Esta frase lapidar – "Basta-te a ti mesmo!" – será doravante a tua divisa.

PEER - Então pronto, pode ser. Pra mim tanto faz.

RAINHA - Agora tens de aprender a apreciar o nosso modo de vida simples e caseiro.

(Faz um sinal e entram dois trolls com cabeças de porco e gorros de dormir, trazendo comes e bebes)

MINISTRA - A vaca faz o bolo, o boi faz o licor. O gosto não importa. O mais importante – nunca te esqueças – é que é tudo fabrico caseiro. Doçaria tradicional.

PEER - *(Empurra os pratos para longe)* Bosta de vaca e mijo de boi! Blergh! Os vossos petiscos que vão pro diabo! Nunca! Jamais!

MINISTRA - A tigela de ouro é para quem beber tudo.

RAINHA - Quem tiver a tigela, tem a mão da minha filha.

PEER - Bom, também é verdade que a Bíblia diz: "Aprende a dominar a tua natureza!" Pode ser que, com o tempo, isso não pareça assim tão mau... Vamos lá a isso.

(Bebe)

RAINHA - Sábia decisão. O quê? Estás a cuspir?

PEER - É a força do hábito. Logo me acostumo.

RAINHA - Agora, tira essas roupas de cristão. Aqui em Ronden, tudo é de fabrico caseiro.

MINISTRA - Exceto o laço de seda que enfeita a nossa cauda.

PEER - *(Furioso)* Eu não tenho cauda!

RAINHA - Não seja por isso, vamos já arranjar-te uma. Ministra, põe-lhe a cauda que eu uso aos domingos.

PEER - Não te atrevas! Pensas que sou um palhaço?

RAINHA - Ninguém faz a corte à minha filha com o rabo ao léu.

PEER - Transformar assim o homem num animal!

MINISTRA - Vou pôr-te o laço laranja, que é a mais alta condecoração da corte.

PEER - (*Pondera*) Bom, o Santo Livro diz – e é verdade – que o homem é apenas pó. Pois, temos de nos saber adaptar. Ponham lá essa cauda.

MINISTRA - És um rapaz sensato.

BRUXA 3 - E agora mexe esse rabo, mostra como sabes abanar a cauda.

PEER - (*Zangado*) Querem mais o quê? Que eu abjure a minha fé de cristão?

RAINHA - Não, podes conservá-la à vontade, se te faz gosto. Aqui, a fé não tem barreiras alfandegárias. Um troll é aquilo que aparenta. Desde que sejas como nós e ajas como nós, podes acreditar no que bem quiseres.

PEER - Apesar das tuas exigências, és mais razoável do que eu esperava.

RAINHA - Ora bem. Agora que terminamos com os assuntos sérios, vamos dar prazer aos nossos olhos e ouvidos. Adiante, donzela da música! Faz soar a harpa de Ronden! Donzela da dança, vem daí! Mostra-nos o esplendor da tua arte!

(*Música e Dança*)

MINISTRA - O que é que achas? Gostas?

PEER - Se gosto? Bem, eu...

RAINHA - Fala sem medo. O que é que vês?

PEER - Uma cena ridícula: uma vaca a tocar num esfregão e uma porca a estrebuchar ao lado dela.

BRUXAS 1, 2 e 3 - Comam-no, comam-no já!

RAINHA - Lembrem-se: ele percebe como os humanos, atenção!

TROLLS- Arranquem-lhe os olhos! E as orelhas!

MULHER DE VERDE - (*A chorar*) Os insultos que temos de engolir, a minha irmã e eu, só por termos dançado e cantado para ti.

PEER - Ah, então eras tu? Não viste que falei a brincar, só para animar a festa?

MULHER DE VERDE - Jura que é verdade?

PEER - O diabo me leve se eu estiver a mentir. A vossa performance foi maravilhosa.

MINISTRA - Ah, natureza humana, como resistes! Lutas contra nós, mas as feridas cicatrizam-se num instante.

RAINHA - O meu genro sabe adaptar-se às circunstâncias. De bom grado despiu a roupa de cristão, bebeu o nosso hidromel, pespegou uma cauda no seu rabo – e com tão boa vontade, que eu julguei que ele se tinha livrado do velho Adão para sempre. Mas, de repente, ei-lo de volta! É, meu filho, vamos ter que fazer uma pequena cirurgia para te curar de vez dessa maldita natureza humana.

PEER - O que é que vais fazer?

RAINHA - Só uma pequena incisão no teu olho esquerdo. Vais ficar um pouco vesgo, é verdade; mas em compensação, tudo o que vires te parecerá lindo, alegre e brilhante. Depois arranco o teu olho direito, e pronto!

PEER - Safa!

RAINHA - Verás então que a tua noiva é lindíssima, e nunca mais terás essas ilusões horríveis de vacas vocalistas e porcas dançarinas.

PEER - Estás doida varrida!

BRUXAS - A Rainha é sábia, tu é que és maluco.

RAINHA - Imagina quantos dissabores e sofrimentos poderás evitar ao longo da tua vida. Lembra-te que é dos olhos que brotam as lágrimas amargas da dor e do desgosto.

PEER - Pois, a própria Bíblia diz: “Se o teu olho te escandaliza, arranca-o fora!” Mas tira-me uma dúvida: quanto tempo é que a vista demora a sarar e voltar a ser humana?

RAINHA - Nunca mais, meu amigo.

PEER - Ah, sim? Então, adeus e obrigado!

RAINHA - Para onde vais?

PEER - Continuar o meu caminho.

RAINHA - Isso é que não, alto lá! É fácil entrar aqui a qualquer hora, mas o portão de Ronden nunca se abre para fora. Usa a tua única cabeça, príncipe Peer. Tu tens um talento natural para seres um troll. Não é verdade que ele já se tem comportado como um troll? Não queres ser um troll?

PEER - Olha, para conseguir uma noiva e um reino em bom estado, eu estou disposto até a fazer alguns pequenos sacrifícios. Mas tudo tem limites. Se fizerem questão, não me importo de jurar que uma vaca é uma donzela – um juramento falso é algo que se pode digerir com a maior facilidade. Mas isso de renunciar para sempre à liberdade, de nunca mais poder voltar atrás, de ser um troll até o fim dos tempos...! Qual é, meus? Isso não é pra mim, não!

RAINHA - Por quem é que me tomas, ó fedelho? Primeiro seduziste a minha filha...

PEER - Isso é uma calúnia!

RAINHA - O quê? Atreves-te a negar que ela foi alvo da tua cobiça e do teu desejo?

PEER - E que importância isso tem?

RAINHA - Ah, homens, sois todos iguais! Estais sempre a falar dos sentimentos, dos ideais, das coisas do espírito, mas só acreditais naquilo que podeis agarrar com as mãos.

MINISTRA - Tu desejava-a em pensamento, e agora tens que casar com ela.

MULHER DE VERDE - Peer, meu querido, tu vais ser pai antes do fim do ano.

PEER - Abram a porta, eu quero sair!

RAINHA - Vamos mandar-te o miúdo enrolado numa pele de cabra.

PEER - *(Limpendo o suor)* Isto é um pesadelo! Eu tenho que acordar!

MULHER DE VERDE - Mandamos-te o miúdo para o teu palácio?

PEER - Não, mandem-no para o orfanato!

RAINHA - Está bem, príncipe Peer, isso é um assunto teu. Mas o que está feito, feito está – o teu rebento vai crescer como um bastardo, e os bastardos crescem com uma rapidez espantosa.

PEER - Querida sogra, não sejas estúpida. Vamos chegar a um acordo amigável. E tu, rapariga, aceita os fatos como eles são. Eu não sou nem príncipe nem rico. Não tens nada a ganhar comigo.

(A Mulher de Verde desmaia e é levada pelas mulheres troll)

RAINHA - *(Olha para ele com profundo desprezo)* Súbditos, mãos à obra! Atirem-no contra os rochedos para parti-lo em pedaços!

TROLL 4 - Mamã, deixa-nos primeiro brincar com ele ao gato e ao rato.

RAINHA - Está bem, mas depressa. Estou de mau humor e tenho sono. Boa noite.

(Sai)

PEER - *(Luta com um pequeno troll, que lhe está a morder a orelha)* Sai daí, seu verme!

TROLL 3 - Vamos morder o rabo dele!

PEER - Um buraco de rato!

(Corre para lá)

TROLL 2 - Tapem o buraco!

TROLL 5 - Fechem todas as saídas!

PEER - A velha era cruel, mas os miúdos são ainda piores.

TROLL 4 - Vamos esquartejá-lo vivo!

TROLL 6 - Cortá-lo às postas, como deve ser!

MINISTRA - Como a miudagem se diverte!

TROLL 1 - Não o deixem fugir!

BRUXA 1 - (*à Bruxa 2*) Espeta-o com força!

BRUXA 2 - (*à Bruxa 1*) Arranca-lhe o olho!

PEER - (*Soterrado pelos trolls*) Socorro, mãe! Querem matar-me! Socorro!

(Ouvem-se ao longe os sinos de uma igreja)

TROLLS - Sinos nas montanhas! Sinos nas montanhas! Perigo! Fugam! Fugam!

(Os trolls fogem com grande barulhos e algazarra. A sala do trono desmorona. Tudo desaparece)

CENA 7

(Ecuridão completa. Ouve-se Peer Gynt a fustigar o ar com um ramo de árvore)

PEER - Quem és tu? Responde!

VOZ - (*No escuro*) Eu mesmo.

PEER - Sai da minha frente!

VOZ - Dá a volta, Peer. A charneca é bem grande. Dá a volta.

PEER - (*Tenta passar em outro sítio, mas não consegue*) Quem és tu?

VOZ - Eu mesmo. Será que podes dizer o mesmo?

PEER - Eu posso dizer o que quiser, a minha espada é afiada. Em guarda! Toma esta! E mais esta! Ah, agora sentiste, não é? O Rei Saul matou cem, e Peer Gynt mil! (*Golpeia a torto e a direito*) Quem és tu?

VOZ - Eu mesmo.

PEER - Pára de repetir essa resposta imbecil. Não ajuda nada. Quem és tu?

VOZ - A Grande Curva.

PEER - Pois, bela resposta! Sai do meu caminho, Curva!

VOZ - Dá a volta, Peer, dá a volta.

PEER - Não, eu vou em frente! *(Investe com fúria)* Pronto, ele caiu. *(Tenta passar mas encontra resistência)* O quê? Há mais?

VOZ - A Curva, Peer Gynt, sempre a mesma Curva. Caída e de pé, morta e viva.

PEER - *(Volta a tentar e não consegue)* Para a frente ou para trás, o caminho é sempre longo. Para fora ou para dentro, a porta é sempre estreita. Ele está aqui! E ali! Por todos os lados! Quero sair do círculo e estou sempre no meio. Diz-me o teu nome! Mostra-te! Quem és tu?

VOZ - A Curva.

PEER - *(Golopeia à sua volta)* Nem morto, nem vivo. É viscoso. Nebuloso. Não tem forma *(Grita)* Enfrenta-me cara a cara!

VOZ - A Curva não é estúpida.

PEER - Ataca-me de volta!

VOZ - A Curva nunca ataca.

PEER - Luta! Eu quero que lutes!

VOZ - A Curva vence sem lutar.

PEER - Vá lá! Força! Violência!

VOZ - A Grande Curva não usa a força, vence de mansinho.

(Ouve-se um ruflar aterrador de asas de grandes pássaros)

GRITO DE AVE - Ele já vem aí, Curva?

VOZ - Sim, já aí vem, passo a passo.

GRITO DE AVE - Vinde, minhas irmãs distantes! Depressa! Chegou a hora!

PEER - *(No fim das suas forças)* Esta agonia é um preço muito alto pela vida! Se me queres salvar, menina de branco, salva-me agora!

GRITOS DE AVES - Ele vai cair! Está tramado! Apanhamo-lo! Já nem resiste mais! Agarrem-no! Acabem com ele!

(Ouve-se um longínquo badalar de sinos e hinos cantados à distância)

VOZ - *(Fala a arfar e desaparece no vazio)* Foi mais forte do que nós. Não estava só, havia mulheres por trás dele.

CENA 8

(Um denso bosque de pinheiros. Raiar de um dia cinzento de Outono. Tudo está deserto e silencioso. Peer, que estava a dormir, acorda sonolento. Espreguiça-se e cospe para o lado)

PEER - O meu reino por um arenque defumado! *(Cospe de novo. Levanta-se, com o corpo dolorido)* Pois é, Peer Gynt, tu foste banido, agora estás a monte, és um fora da lei! E a aldeia continua à tua caça. Já não tens quem te faça a comida e cuide das tuas coisas. Se tens fome, arranja-te sozinho; pede ajuda ao rio e à floresta, corta a tua lenha e acende o teu fogo, trabalha, faz pela vida, desenrasca-te! Queres agasalho? Caça uma rena. Queres um teto? Tens de ser tu a partir a pedra, cortar a madeira e carregá-la às costas. *(Pega num martelo que está próximo e começa a derrubar um pinheiro de galhos retorcidos. Após algum tempo, pousa o machado e olha em torno de si)* Vou construir uma mansão imponente, com uma torre e um cata-vento em cima. O cata-vento e as ferragens vão ser de cobre, e na janela vidros de cristal, para que todos vejam a casa a brilhar no topo da colina! *(Ri com raiva)* Tenho que parar com essa mania de viver nas nuvens e sonhar acordado. Que vício! Tu és um foragido, rapaz! *(Abatendo a árvore com fúria)* Ah, que me importa? Uma cabana coberta de palha já serve para me abrigar do frio e da chuva. *(Começa a cortar os ramos e de repente pára, com o machado no ar)* Está alguém atrás de mim. É o pai da Ingrid? Queres apanhar-me à traição, não é? *(Esconde-se atrás de uma árvore e fica a espreitar. Vê Helga, que vem em direção a ele, com um cesto de comida)* Ah, és tu, miúda! O que é que vieste fazer por estas bandas?

HELGA - Foi a Solveig que...

PEER - *(Levanta-se num salto)* Onde é que ela está?

HELGA - Atrás da cerca.

SOLVEIG - *(Escondida)* Se te aproximares de mim, eu fujo.

PEER - *(Pára)* Tens medo de cair nos braços de um homem?

SOLVEIG - Não te envergonhas de falar assim?

PEER - Sabes onde eu passei a noite? No palácio da velha da montanha. A filha dela não me queria largar.

SOLVEIG - Ainda bem que mandamos tocar os sinos.

PEER - *(Vai na direção dela)* Mas o Peer Gynt não é presa fácil, não. Se bem que a princesinha até que não era de se deitar fora...

HELGA - *(Chora)* Oh, ela fugiu a correr! *(Corre atrás dela)* Espera por mim!

PEER - *(Agarra-a pelo braço)* Olha o que eu tenho no bolso, miúda, olha só! Um botão de prata! Se lhe falares bem de mim, ele é teu, só teu!

HELGA - Larga-me! Solta-me!

PEER - Toma, fica com ele para ti.

HELGA - Deixa-me! Há comida no cesto.

PEER - E fala-lhe bem de mim! Senão, vais ver o que te acontece.

HELGA - Estás a magoar-me!

PEER - *(Solta-lhe o braço, com delicadeza)* Não, diz-lhe só que – Diz-lhe que não se esqueça de mim. Diz!

(Helga sai a correr)

ATO III **CENA 1**

(Um quarto na casa de Aase, em completa desordem: as arcas estão abertas, as roupas espalhadas por todos os cantos. Aase e Kari, a mulher do capataz, estão muito atarefadas a embalar e arrumar coisas)

AASE - *(Correndo de um lado para o outro)* Kari, ouve lá! Que barulho é esse?

KARI - É a carrinha que vai levar as tuas coisas para Haegstad

AASE - *(Chora)* Quem dera que me levassem também a mim, metida num caixão, para o cemitério! Ah, meu Deus, que desgraça! A casa ficou vazia. O que o pai da Ingrid não quis levar, acabou o juiz por vir buscar. Não pouparam nem as minhas roupas. Vergonha, vergonha para essa justiça tão injusta! *(Senta-se na borda da cama)* Casa, terras, tiraram-me tudo. E ninguém me ajudou, ninguém teve pena de mim, o Peer estava longe, eu não tinha a quem recorrer...

KARI - Mas deixaram-te ficar na tua casa até morreres.

AASE - Pois, como se fosse uma esmola. Eu e o gato, a viver da caridade alheia. Belo consolo!

KARI - Como o teu filho te saiu caro, hein, Aase?

AASE - Quem, o Peer? Pobrezinho, ele não tem culpa! A Ingrid acabou por voltar para casa sã e salva. A culpa foi do diabo, que desencaminhou o meu filho – o diabo é que é o culpado, não o Peer! Mas todos o abandonaram, ele precisa de mim mais do que nunca! Amanhã vou remendar este casaco. E agora vou-me deitar, estou cansada, não me sinto nada bem. Onde é que estão as meias dele?

KARI - Ali, no meio daquelas tralhas.

AASE - *(Procura)* O que é isto? Olha, Kari! É uma velha concha de fundir estanho, que o Peer usava, em criança, para brincar de fundidor: derretia os botões velhos, punha na forma e moldava botões novos. Um dia, durante uma festa, o miúdo pediu estanho ao pai. “Qual estanho!” – disse o meu marido – “Dou-te é uma moeda de prata, para todos saberem que és o filho do Jan Gynt!” Deus perdoe o falecido, estava tão bêbado que nem distinguia ouro de estanho Ah! Cá estão as meias. Oh! Tão esburacadas... Tenho de as passar. *(Alegre)* Olha, Kari, duas camisas de flanela que eles esqueceram!

KARI - É mesmo!

AASE - Esconde uma. Não – acho melhor ficarmos com as duas, sabes? A que ele traz vestida está muito puída.

KARI - E a ordem do juiz, Aase? Não é pecado burlar a justiça?

AASE - E se for? Os pecados são para serem perdoados. Então para que é que serve o padre?

CENA 2

(Na floresta, diante de uma cabana recém-construída.. Cornos de rena na cimeira da porta. Cai uma neve espessa. Crepúsculo. Peer Gynt,, em frente à porta, instala uma grande fechadura de madeira)

PEER - *(Rindo enquanto trabalha)* E para proteger a minha casa, uma bela fechadura, À prova de homens, mulheres, trolls e outras más criaturas.

(Solveig chega com um lenço amarrado na cabeça e uma trouxa na mão)

SOLVEIG - Que Deus abençoe o teu trabalho. Não me mandes embora: Chamaste-me, e eu vim para ficar.

PEER - Solveig! És tu? Não, não é possível!... Não tens medo de vires ter comigo?

SOLVEIG - O teu chamado chegou-me pela voz da minha irmã, mas também na voz do vento e do silêncio. Eu ouvia-o sempre que a tua mãe me falava de ti, e ele ecoava na solidão das noites, nos dias vazios, nos sonhos que eu sonhava – tudo me dizia: “Vai ter com ele, agora!” Era como se a vida lá em baixo se tivesse apagado; eu não conseguia mais rir nem chorar de verdade. Eu não sabia o que estavas a pensar, mas sabia o que eu tinha de fazer.

PEER - Mas o teu pai?

SOLVEIG - Já não tenho ninguém a quem chame de pai ou de mãe neste mundo. Libertei-me de tudo e de todos.

PEER - Solveig, meu amor – fizeste isso por mim?

SOLVEIG - Sim, só por ti. Agora, serás tudo para mim: pai, amante e amigo.

PEER - Sabes que eu fui condenado na Primavera passada? Já não tenho casa nem nada, a justiça tirou-me tudo.

SOLVEIG - E achas que foi por causa dos teus bens que eu deixei as pessoas que mais amava?

PEER - Conheces a sentença? Eu tenho a cabeça a prêmio! Quem me encontrar fora da floresta tem o direito de me prender!

SOLVEIG - No caminho para cá, quando me perguntavam para onde eu ia, eu dizia: "Vou para a minha casa".

PEER - Ah, então já não preciso mais de portas nem de fechaduras! Não tenho que me proteger de qualquer criatura, deste mundo ou do outro! Se tu vens viver para aqui comigo, esta cabana de caçador ficará abençoada, será um chão sagrado. Deixa-me olhar para ti, Solveig! Não chegues perto de mim, quero só olhar para ti. Irradias tanta luz, tanta pureza! Deixa-me erguer-te nos meus braços – oh, és tão frágil, tão leve! Posso levar-te sempre nos braços, nunca me vou cansar. E eu senti tanto a tua falta – dia e noite, noite e dia.... Olha, fui eu que construí esta cabana; mas vou botá-la abaixo, é muito feia e acanhada...

SOLVEIG - Feia ou bonita, é tudo o que eu queria. É aqui que eu me sinto bem, posso respirar livremente o vento das montanhas. Lá em baixo era asfíxiante, eu me sentia enclausurada. Mas aqui, ouço os pinheiros a sussurrar a sua canção no silêncio. Esta é a minha casa.

PEER - Tens a certeza? Para toda a vida?

SOLVEIG - O caminho que eu escolhi não tem regresso.

PEER - Então é verdade! Tu és minha! Entra! Quero ver-te lá dentro. Entra! Vou buscar lenha para a lareira. Terás sempre luz e calor à tua volta, nunca vais sentir frio. *(Abre a porta. Solveig entra. Ele fica um momento parado, depois explode de alegria e dá um salto no ar)* Minha princesa! Consegui encontrá-la! Consegui conquistá-la! Agora sim, posso erguer o meu palácio sobre uma rocha firme!

(Pega no machado e afasta-se. Nesse momento, sai da mata uma velha maltrapilha, com uma saia verde em farrapos; uma criança feia, com uma caneca de cerveja na mão, vem a coxear atrás dela, agarrada à sua saia)

MULHER DE VERDE - Boa tarde, príncipe dos pés ligeiros!

PEER - O que se passa? Quem és tu, mulher?

MULHER DE VERDE - Somos velhos amigos, Peer Gynt! A minha cabana fica muito perto daqui. Somos vizinhos.

PEER - Ah sim? Nem desconfiava.

MULHER DE VERDE - Enquanto a tua casa se erguia, a minha surgia aqui ao lado.

PEER - *(Vai sair)* Desculpe, mas estou com pressa...

MULHER DE VERDE - Estás sempre com pressa, meu príncipe; mas eu vou-me arrastando atrás de ti e acabo sempre por apanhar.

PEER - Não sou quem tu pensas. Estás enganada, avozinha.

MULHER DE VERDE - Não, não, só fui enganada uma vez, quando acreditei nas tuas promessas.

PEER - Que promessas? O que é que está para aí a inventar?

MULHER DE VERDE - Já te esqueceste do acordo que selamos com um brinde, na casa da minha mãe? Já te esqueceste do...

PEER - Esquecer-me do que eu nunca soube? Que maluqueira é essa? Quando é que já nos encontramos antes?

MULHER DE VERDE - Só nos encontramos uma vez. A primeira e a última. *(Para a criança)* Dá de beber ao teu pai, ele deve estar com sede.

PEER - Pai? Tu é que bebeste de mais! Estás-me a dizer que ele?

MULHER DE VERDE - Quem sai aos seus não degenera. Não vês que ele é aleijado de um pé como tu és aleijado da cabeça?

PEER - O que!? Esse fedelho desengonçado...

MULHER DE VERDE - Pois, ele cresceu depressa.

PEER - Como é que tu, uma velha doida com esse focinho de troll, te atreves a acusar-me de...?

MULHER DE VERDE - Pára de insultar-me, Peer Gynt, estou farta das tuas grosserias! *(Chora)* Que culpa tenho eu de já não ser tão bela como no dia em que me atraíste até a colina e me seduziste? Quando eu dei à luz, no Outono, o diabo foi a minha parteira, por isso não admira que eu tenha ficado tão feia. Mas se me quiseres voltar a ver linda como dantes, expulsa aquela rapariga da tua casa, deita-a porta a fora, afasta-a para bem longe da tua vista e do teu pensamento – faz isso e eu deixo logo de ser esta carcaça carcomida que agora vês.

PEER - Some daqui, bruxa maldita!

MULHER DE VERDE - Isso querias tu! Hei de voltar todos os dias, até o fim dos tempos, e espiar vocês os dois pela frincha da porta. E quando estiverem tu a rapariga ao pé do fogo, a trocar beijos e carícias, a tirar as roupas, eu venho-me meter entre os dois e reclamar a minha parte. Ela e eu vamos nos revezar na tua cama, uma por vez. Adeus, meu querido. Casa-te com ela, acasala-te hoje mesmo.

PEER - Cabra do inferno!

MULHER DE VERDE - Ah, já quase me esquecia. O puto está aqui para tu o criares. Vai ter com o papá, meu diabinho.

CRIANÇA - *(Cospe em Peer)* Cai fora, velho! Ou parto-te a fuça com o machado, vais ver só!

MULHER DE VERDE - *(Beija o miúdo)* Tão pequenino e já tão sabido! Quando cresceres, vais ser igualzinho ao teu pai!

PEER - *(Torce as mãos)* E tudo só por...

MULHER DE VERDE - ... Só por causa de um pensamento, de um desejo? Pobrezinho do Peer, pior para ele...

(Arrasta-se para a floresta com a criança, que atira a caneca em Peer)

PEER - Não, o pior é para ela, para a mulher que deixou tudo por mim! Ah, Solveig, meu tesouro!

MULHER DE VERDE - *(Ao longe)* Pois, os inocentes é que acabam por pagar a fatura...

PEER - *(Após um longo silêncio)* “Dá a volta!”, dizia a Curva – “Dá a volta!” Não tenho escolha. O meu palácio desabou à minha volta, só restaram os muros que nos separam. E estivemos tão perto – mas de repente foi tudo abaixo, a minha alegria apodreceu. Então dá a volta, rapaz! De ti até ela, não há mais caminho em linha reta. Mas não, não é possível! Deve haver um caminho, tem que haver! Eu li uma coisa sobre o arrependimento, mas não lembro o que. Já não tenho o livro, e não há ninguém para me guiar os passos neste emaranhado da floresta. Depois, o arrependimento... Sei lá! É um caminho muito longo, que deve levar anos para ser percorrido... Torna a vida muito chata! Dá a volta, meu caro! Tenho que me safar desta de cabeça erguida, sem tentar ganhar, mas também sem perder. Deve haver um modo de jogar tudo isso fora e esquecer. *(Dá alguns passos em direção à cabana e pára)* Como é que eu posso entrar, depois disso tudo? Enlameado de culpa e de vergonha? Com este fedor de troll à minha volta? Falar, sem dizer tudo? Confessar e mentir ao mesmo tempo? *(Atira fora o machado)* Hoje é dia santo. Se eu entrar, sujo como estou, vou cometer sacrilégio.

SOLVEIG - *(Aparece no umbral)* Vens?

PEER - *(Em voz baixa)* Dá a volta!

SOLVEIG - O que?

PEER - Tens que esperar. Já está escuro e eu tenho um fardo pesado para carregar.

SOLVEIG - Eu ajudo-te. Dividimos o peso entre os dois.

PEER - Não, fica onde estás. Vou carregá-lo sozinho.

SOLVEIG - Mas não vás para muito longe, meu querido.

PEER - Espera com paciência, meu amor. Mesmo que eu me demore muito, espera por mim. Espera por mim!

SOLVEIG - Sim, eu espero.

(Peer sai em direção à floresta. Solveig fica em pé junto à porta entreaberta)

CENA 3

(Casa de Aase. É noite. Ardem achas na lareira, iluminando o quarto. Aase, deitada na cama, passa as mãos crispadas de ansiedade pela coberta)

AASE - Oh, meu Deus, e ele que não vem! Tenho tantas coisas para lhe dizer, e ninguém para mandar chamá-lo. Tudo passa tão rápido, eu nunca pensei que. Se eu soubesse, não tinha sido tão dura com ele.

PEER - *(Entrando)* Boa noite.

AASE - Deus te abençoe, meu filho, ainda bem que vieste! Mas como é que te arriscaste a vir? Aqui, a tua vida corre perigo.

PEER - Eu quero lá saber da minha vida! Só queria ver como é que tu estavas.

AASE - Agora eu vou poder partir em paz.

PEER - Partir, partir! Tás a pensar em viajar, é?

AASE - Ah! Peer, a minha hora está quase a chegar. Não me resta muito tempo, eu sei.

PEER - *(Estremece e anda pelo quarto, inquieto)* Era só o que me faltava. Vim para fugir da tristeza, pensando que aqui ia ter um pouco de paz, e... Tens frio nos pés? E nas mãos?

AASE - Tenho, Peer, mas logo vai passar... Quando deixares de ver luz nos meus olhos, fecha-os bem devagarinho. Depois arranja-me um caixão, meu filho, mas que seja bonito! Ah, já me esquecia, tu não podes!...

PEER - Pára com isso, mãe! Ainda temos muito tempo para pensar nessas coisas.

AASE - Tens razão, meu filho, tens razão. *(Deita um olhar angustiado ao quarto)* Vês o pouco que aqueles malvados nos deixaram? As pessoas são assim.

PEER - *(Sente um calafrio)* Outra vez! *(Cortante)* Eu sei que a culpa é minha, mas precisas estar sempre a atirar-me isso à cara?

AASE - Tua culpa? Quem disse isso? Não, não senhor! A culpa foi da maldita bebida, foi ela que causou toda a desgraça! Pobre do meu filhinho, estava bêbado, e nesse

estado ninguém sabe o que faz. Pr'além disso, tinhas acabado de cavalgar um cabrito-montês, é natural que estivesse transtornado.

PEER - Está bem, mãe, esquece essas histórias. (*Senta-se na borda da cama*) Agora vamos falar os dois, de qualquer coisa – deixa as tristezas para outro dia. O gato velho ainda está vivo?

AASE - Ele tem miado e gemido muito à noite. Sabes o que isso quer dizer, não é?

PEER - Quais são as novidades lá da aldeia?

AASE - Fala-se de uma rapariga que vive a suspirar e a olhar para as montanhas.

PEER - (*Rápido*) E o Mads Moen, já está mais calmo?

AASE - Os pais podem chorar quanto quiserem, ela não volta atrás. Vá lá, Peer, acho que podias ajudar, se fosses ter com ela.

PEER - E o ferreiro, o que é feito dele?

AASE - Quero lá saber daquele fanfarrão! Preferia que me perguntasses o nome da rapariga.

PEER - Não, mãe, vamos falar os dois, de qualquer coisa – deixa as tristezas para outro dia. Tens sede? Queres que eu te vá buscar qualquer coisa para beber? Podes estender as pernas? A tua cama é tão pequena... Claro, é a cama do meu quarto de criança! Lembras-te das noites em que te vinhas sentar à cabeceira desta cama, enrolavas-me bem nos cobertores e depois contavas-me histórias e cantavas baixinho todas aquelas canções antigas?

AASE - Ah, ainda te lembras. E quando o teu pai ia de viagem, nós brincávamos aos trenós. A manta era o toldo do trenó, o chão era um fiorde coberto de gelo.

PEER - Mas o mais bonito de tudo, lembras-te, mãe? Era aquela parelha de cavalos brancos!...

AASE - Lindos! Um deles era o nosso gato, a Kari emprestava-nos o dela, e ficavam os dois em cima da cadeira.

PEER - E partíamos para o castelo que fica a oeste da lua e a leste do sol, atravessávamos montes e vales, para depois deslizarmos sobre as nuvens. O nosso chicote era a bengala que tu guardavas no armário.

AASE - Eu ia sentada ali à frente, no lugar do cocheiro

PEER - Pois, e davas rédea solta aos cavalos. De vez em quando voltavas-te para trás e perguntavas se eu tinha frio. Deus te abençoe, minha bruxa querida, o que fizeste por mim – Mas o que é que tu tens? O que é que te dói?

AASE - São as minhas costas; as tábuas da cama são muito duras.

PEER - Estende bem as pernas, eu ajudo-te. Estás a ver? Assim ficas melhor.

AASE - (*Inquieta*) Não, Peer; eu quero ir-me embora. Partir, partir!

PEER - Deixa-te disso. Agasalha-te bem. Eu vou-me sentar ali aos pés da cama. E vamos contar contos de fadas, que é para a noite passar mais depressa.

AASE - É melhor ires buscar a Bíblia ao armário: a minha alma está tão inquieta...!

PEER - No castelo entre as nuvens, sobre a terra e o mar,
O rei convidou-nos pr'uma festa sem par!
Recosta-te nesta rica almofada de cetim,
Vou cruzar o pântano e levar-te ao festim.

AASE - Mas Peer, eu fui mesmo convidada?

PEER - Sim, fomos os dois. (*Lança uma corda em torno da cadeira, tira o cinto e senta-se aos pés da cama*) Vamos lá embora, cavalos, a galope! Mãe, não estás com frio? Quando os cavalos dispararam, não há quem os detenha!

AASE - Peer, que som de sinos é esse?

PEER - São os guizos de prata do trenó!

AASE - Estou com medo! O que são esses gemidos abafados?

PEER - É só o vento nos pinheiros do fjord, mãe, não tenhas medo.

AASE - E aquilo a brilhar e a tremeluzir ali ao longe?

PEER - São as vidraças de cristal do castelo. Estão todos a dançar. Ouves?

AASE - Sim, ouço.

PEER - O São Pedro está à porta a dar as boas-vindas.

AASE - É ele que está a receber as pessoas?

PEER - Sim, e oferece-lhes um cálice do melhor vinho da sua adega!

AASE - Vinho? E bolos também?

PEER - Uma bandeja cheia! E a falecida mulher do pastor é quem prepara o café e a sobremesa.

AASE - Meu Deus, então vou encontrá-la de novo!

PEER - De certeza, e vão tagarelar até cansar, as duas! (*Dá uma chicotada imaginária*)
Upa, upa, meus valentes corcéis!

AASE - Peer, meu querido, tens a certeza que é esse o caminho?

PEER - *(Nova chicotada imaginária)* Sim, é o caminho mais largo.

AASE - Não vás tão depressa. Sinto-me cansada, sem forças.

PEER - Vejo o castelo erguer-se à nossa frente. Já vamos chegar.

AASE - Está bem, então vou fechar os olhos e confiar em ti, meu filho.

PEER - Peer Gynt e a sua mãe fazem uma entrada triunfal!

Todos acorrem para vê-los no portal.

Ó São Pedro, o que é que estás pr'aí a falar?

Não quer deixar a minha mãe entrar?

Pois saiba que nunca houve nesta terra

Alguém capaz de chegar aos pés dela.

Ah, não deixas, seu malvado? Pois aí vem Deus-Pai,

Agora veremos se isso vai ou não vai. *(Numa voz profunda)*

“Ó Pedro, não sejas burro, deixa entrar a Mãe Aase,

Ela está em sua casa no meio de nós.” *(Ri alto e vira-se para Aase)*

‘Tás a ver, mãe, como eu tinha razão?

O São Pedro levou o maior sermão!

(Angustiado) Porque é que estás tão quieta, mãe? Fala comigo!

(Vai para a cabeceira) Mãe! Não fiques assim, de olhos arregalados! Sou eu, Peer, o teu filho! *(Toca com cuidado na testa e nas mãos dela, e diz em voz baixa)* Ah, então é isso. *(Larga a corda sobre a cadeira)* Agora já podem descansar, meus cavalinhos. A viagem chegou ao fim. *(Fecha os olhos de Aase e inclina-se sobre ela)* Obrigado por todos os dias da tua vida, mãe, por me teres batido, por me teres beijado. Mas também tens que me agradecer pela viagem. *(Encosta o rosto à boca de Aase)* Pronto, o cocheiro já recebeu a sua paga.

KARI - *(Entra)* Peer, tu aqui? Então acabaram-se as lágrimas, o pior já passou. Meu Deus, que sono tão pesado... Será que...?

PEER - Psiu! Ela morreu. *(Kari chora junto do corpo. Peer Gynt anda de um lado para o outro no quarto e pára aos pés da cama)* Faz com que a minha mãe tenha um enterro decente. Eu tenho que me ir embora daqui.

KARI - Vais para longe?

PEER - Para o mar.

KARI - Tão longe?

PEER - E mais longe ainda.

(Sai)

ACTO IV
CENA 1

(Costa Sudoeste de Marrocos. Um bosque de palmeiras, com redes, tendas, esteiras de junco, a mesa posta. Ao largo, um iate a vapor com bandeiras da Noruega e dos Estados Unidos. Sol poente. Peer Gynt, um homem de belo aspecto, na meia-idade, elegantemente vestido de turista, com um lorgnon de ouro pendurado no pescoço, preside à mesa e homenageia Master Cotton, M. Ballon, Herr Von Eberkopf e Serebriakov. É uma happy-hour)

SEREBRIAKOV - Caro confrade Gynt, o senhor é um anfitrião sem igual!

BALLON - Monsieur Gynt tem um bom gosto, um tom, um não sei quê...

EBERKOPF - ... Um sopro, uma eloquência, que faz com que a sua alma cosmopolita atravesse os píncaros nebulosos e vá ao *nec plus ultra*, com a marca da transcendência impressa numa primordialidade natural. Não era isto, exatamente, o que o senhor queria dizer, Monsieur Ballon?

BALLON - É possível. Mas em francês a idéia não soa assim tão bem.

EBERKOPF - Ya, ya! O seu idioma carece de flexibilidade. Mas Herr Gynt, como explica o seu fenomenal sucesso na vida?

PEER - É muito simples, senhores. Qual é o primeiro dever do Homem? Ser ele mesmo. Ele e só o que diz respeito a ele, essa deve ser a sua única preocupação. Por isso, a minha filosofia resume-se a essas duas palavrinhas: “si mesmo” – o self, como dizem os ianques. Para quem está centrado em si mesmo, o segredo do sucesso reside nos seguintes preceitos: nunca dar um passo decisivo, avançar com prudência entre as mil ciladas da vida e manter atrás de si um espaço suficiente para bater em retirada.

COTTON - Isso é o que se chama um espírito pragmático.

EBERKOPF - A sua cosmo visão eleva-o ao nível dos grandes pensadores!

PEER - *(Acendendo um cigarro)* Aliás, meus amigos, basta que se recordem da minha carreira. O que é que eu era quando fui para o Oeste selvagem? Um pobre diabo sem eira nem beira, que lá chegou de mãos a abanar. Mas a fortuna foi-me propícia, o destino sorriu-me. Dez anos mais tarde chamavam-me “o Onassis dos Armadores de Charleston”, e o meu nome corria de porto em porto. A sorte viajava a bordo dos meus navios.

COTTON - E qual era o seu ramo de negócios?

PEER - Dedicava-me sobretudo a vender negros para a América do Norte e ídolos pagãos para a China.

COTTON - Really?

BALLON - Quel horreur!

SEREBRIAKOV - Maldito seja nosso amigo Gynt!

PEER - Ah, acham que é uma empresa de moral duvidosa? Eu também: era um negócio que eu considerava execrável. Mas, como os senhores sabem, depois de dado o primeiro passo, é difícil voltar atrás. Aliás, se há uma coisa que me repugna é deixar as coisas pelo meio. Confesso que eu sentia um vago mal-estar, mas que fazer? Como não podia interromper o meu comércio com a China, abri naquele país um mercado paralelo. Na Primavera, continuava a exportar ídolos pagãos, mas no Outono mandava para as costas Chinesas uma carga completa de padres missionários, totalmente equipados: roupas, bíblias, arroz, rosários e garrafas de rum.

COTTON - O senhor tinha lucros com esse comércio?

PEER - Como não? A combinação foi um sucesso. Os padres cumpriram o seu dever à perfeição. Os ídolos que eu exportava eram logo abolidos pelos missionários. Para cada ídolo comprado, um nativo batizado, ou seja, as duas coisas anulavam-se mutuamente.

COTTON - Sim, senhor! E a mercadoria africana?

PEER - Foi outro sector em que triunfou a minha moral. Compreendi que um negócio desse tipo não era aconselhável para pessoas da minha idade, sem falar nos perigos dos naufrágios. Houve um dia em que disse a mim mesmo: "Peer, recolhe as velas e corrige os teus erros." Comprei então um latifúndio na América do Sul e reservei para mim mesmo o último carregamento de carne humana – que aliás resultou ser de excelente qualidade. Afeiçãoaram-se a servir-me, ficaram gordos, fortes, de modo que tanto eles quanto eu ficamos satisfeitos. Posso dizer, sem exagero, que os tratei como um verdadeiro pai – o que me trouxe bastantes lucros. Mandei construir escolas para manter a moral sempre elevada. Depois, acabei por retirar-me completamente do ramo: vendi a plantação, com os bens animados e inanimados. E no dia da minha partida, distribuí jeropiga de graça entre miúdos e graúdos. *(Durante todo o seu monólogo, bebe sem cessar)* Nós, europeus, sabemos como conduzir essas questões coloniais. Foi algo que herdei da minha raça e da minha família.

BALLON - O senhor é norueguês, não é?

PEER - De nascimento sim, mas por natureza sou um cidadão do mundo. Devo a minha riqueza à América, a minha biblioteca às modernas escolas Alemãs, à França os meus trajes, a finura de espírito e o requinte da minha cultura, e à Inglaterra o instinto do lucro pessoal. Os Judeus ensinaram-me a esperar com paciência, da Itália eu trouxe uma leve inclinação para o doce far niente. Já o meu gosto pelas aventuras marítimas, a capacidade de adaptação e de improviso, e o prazer de estar orgulhosamente só, devo tudo isso a Portugal.

(Brindam: "E viva Portugal!" Peer Gynt começa a ficar meio bêbado)

COTTON - Mas em relação à sua fortuna, Sir Gynt, o que pensa fazer com todo o seu ouro?

TODOS - Sim, sim, diga-nos!

PEER - Bem, antes de mais nada, planeio viajar. Em Gibraltar convidei-os para me fazerem companhia a bordo. Era meu sonho ter um grupo de amigos a dançar em torno do meu bezerro de ouro.

EBERKOPF - Com que espírito diz as coisas!

COTTON - Sim, mas ninguém oferece algo sem esperar nada em troca. Qual é o seu objetivo?

PEER - Eu quero ser Imperador.

OS QUATRO - O que? Quer ser o quê?

PEER - Imperador!

OS QUATRO - De quê?

PEER - Do mundo.

BALLON - Mais comment, mon ami?

PEER - Graças ao ouro todo-poderoso! Não é de hoje que tenho essa idéia. Foi ela que me motivou em tudo o que empreendi. Nos meus sonhos de infância, eu já cavalgava através das nuvens com cetros e mantos reais. Está escrito – não sei onde – “O triunfo do homem será vão se conquistar o mundo inteiro mas perder-se a si mesmo”. É mais ou menos isto...

BALLON - Que pensador sublime!

SEREBRIAKOV - E que grande poeta! Mas em que é que consiste o “si mesmo” Gyntiano?

PEER - *(Entusiasmando-se)* O “si mesmo” – o self Gyntiano – é tudo o que faz com que eu seja eu, e não outro. É um mar revolto de cobiças, fantasias, desejos e paixões... Tudo aquilo que se agita no meu peito e me faz viver como eu vivo. E assim como Deus precisou do barro para criar o mundo, eu preciso do ouro para tornar-me Imperador.

BALLON - Ouro é o que não lhe falta.

COTTON - Só é preciso encontrar uma ocasião propícia.

PEER - Já a encontrei. E é rumo a ela que nos dirigimos. Acabei de receber uma grande notícia, em primeira-mão: *(Levanta-se, com a taça na mão)* há uma rebelião na Pérsia.

OS QUATRO - *(Levantando-se)* Com que então os muçulmanos...?

PEER - Estão em plena guerra civil.

OS QUATRO - Viva! Urra!

PEER - E o governo persa está em maus lençóis.

(Esvazia a sua taça)

BALLON - Allons enfants! À Pérsia! A glória nos estende os braços! *(Abraçando Peer)* Peço-lhe perdão, nobre amigo, por julgá-lo precipitadamente!

EBERKOPF - *(Apertando-lhe a mão)* Como sou estúpido! Quase o tomei por um canalha!

BALLON - Mais non, canalha non: no máximo um farsante.

SEREBRIAKOV - *(Abraça-o também)* E eu, meu caro, por um laçao do rebotalho ianque! Peço que me perdoe.

PEER - Mas do que é que estão a falar?

BALLON - Ora, vamos! Então o senhor não acorre, com armas e bagagens, em auxílio dos revoltosos?

PEER - *(Assobiando incredulamente)* Eu?! Que parvoíce! Eu estou sempre ao lado dos mais fortes. É aos aiátolas que vou emprestar o meu dinheiro!

BALLON - C'est impossible!

EBERKOPF - Está a brincar connosco!

PEER - *(Cala-se por um instante, apoia-se numa cadeira e assume um ar superior)* Ora bem, minhas senhoras e meus senhores: é melhor separarmo-nos já, antes que os restos da nossa amizade se dissipem como o fumo. Vão à Pérsia, se é isso o que querem. Posso armá-los de graça e mandá-los à terra. Quanto mais os senhores atijarem o fogo, mais eu poderei retesar o meu arco. Lutem! Lutem destemidamente pela Liberdade, pelos Direitos Humanos e pela Civilização Ocidental! Façam chover sobre os persas todas as chamas do Inferno e morram de uma morte honrosa na ponta de uma lança – mas não me peçam para acompanhá-los. *(Pondo a mão no bolso)* Tenho dinheiro e sou eu mesmo, Sir Peer Gynt.

(Abre o seu chapéu de sol e vai para as palmeiras, onde há redes dependuradas)

SEREBRIAKOV - Porco imundo!

BALLON - Não tem nenhum sentido do que é a honra. L'honneur!

COTTON - A honra é o de menos. Mas pensem só no que nós lucraríamos se o governo persa caísse! Aqueles campos petrolíferos, aqueles oleodutos todos, só para nós!

SEREBRIAKOV - *(Gesto ameaçador em direção ao iate)* E aquela noz maldita guarda todo o ouro que esse nababo arrancou do suor dos seus negros!

EBERKOPF - Grande idéia! Vamos para o iate! Acabou-se o império dele! Viva a liberdade!

BALLON - Pardon, mas o que pretende fazer?

EBERKOPF - Tomar o poder! A tripulação é fácil de subornar! Vamos em frente! Eu comando o barco.

COTTON - Como? O senhor...?

EBERKOPF - Vou confiscar o barco e o ouro, e rumar para a Pérsia!

(Dirige-se para o iate)

COTTON - Os interesses da coroa ordenam-me que tire o nosso quinhão.
(Segue-o)

SEREBRIAKOV - Isso é roubo! Ah, canalhas miseráveis!

BALLON - Oui, c'est miserable, mais enfin...

(Segue os dois)

SEREBRIAKOV - O que é que eu hei de fazer? Tenho que ir com eles. Mas antes, protesto perante o mundo inteiro!

(Segue-os)

CENA 2

(Outra parte da costa. Noite enluarada. Nuvens cruzam o céu. Ao longe, o iate singra o mar a todo o vapor. Peer Gynt corre ao longo da praia, desesperado, sem perder de vista o mar e o horizonte)

PEER - É um pesadelo! Eu tenho que acordar! *(Corre como uma flecha para o mar)* Alto lá, gatunos! Polícia! *(Torcendo as mãos)* Não é possível, eu estou bêbado! *(Arranca os cabelos)* É um sonho! Eu quero que seja um sonho! AAAAAh! Falsos amigos! Traidores! Escuta-me, ó Deus! Tu que és a justiça suprema, é a Ti que eu dirijo as minhas súplicas! *(Ergue os braços aos céus)* Sou eu, Peer Gynt! Olha para mim, Senhor! Oh, Pai, faz rebentar o motor! Afunda o iate! Pára aqueles larápios! Ouve-me! Suspende todos os assuntos de que estás a tratar, ó Deus! O mundo que tome conta de si próprio por uns momentos! Pois, Ele não me ouve!... Está surdo, como sempre!... *(Fazendo um sinal para o céu)* Pssst! Ouve lá: eu já larguei o latifúndio e o tráfico dos negros! Mandeí até missionários para a China, não é verdade? Então, uma mão lava a outra: agora é a Tua vez de me ajudar! Faz-me chegar até ao barco! *(Uma labareda imensa sai de repente da chaminé do iate, logo envolto numa espessa nuvem de fumo. Ouve-se uma explosão abafada. Peer Gynt solta um grito e prostra-se na areia. O fumo dissipa-se. O iate desapareceu. Peer, pálido, diz em voz baixa)* É o castigo, a espada da vingança! Foi tudo ao fundo, ratos e homens, de uma só vez! Deus seja louvado, que

golpe de sorte! *(Comovido)* Sorte? Não, foi muito mais. Eles morreram e eu não. Doute graças por me teres protegido, por me teres ajudado apesar de todos os meu malfeitos! *(Respira aliviado)* É um grande conforto saber que se conta com uma protecção especial. Mas agora estou no meio do deserto! Onde é que vou arranjar comida e bebida? Qual, hei-de encontrar alguma coisa. Ele deve ter pensado nisso. *(Em voz alta e com tom insinuante)* Ele não vai querer a morte de um pardalzinho à toa como eu, não é? Vamos ser humildes e dar-lhe tempo. Entreguemo-nos nas mãos do Senhor, Ele tem um coração de pai. *(Olhar para o mar e suspira)* Pena é que seja tão esbanjador! *(Dá um salto, aterrorizado)* Que rugido é esse, ali no mato? Será que é... E é!!!! Um Leão! *(Batendo os dedos de medo)* Nnnnnão, nnnão é um leão nnnão. *(Sai a correr)* É, sim, é um leão! Tenho que achar uma árvore!

CENA 3

(É noite. Um campo marroquino nos confins do deserto)

UM ESCRAVO - *(Entra, arrancando os cabelos)* Sumiu o cavalo branco do Imperador!

OUTRO ESCRAVO - *(Entra, rasgando a própria roupa)* Roubaram o traje sagrado do Imperador!

UM GUARDIÃO - *(Entrando)* Se não apanham o ladrão, levam cem chibatadas nos pés! E viva o santo nome do profeta Maomé!

(Os guerreiros partem a galope em todas as direções)

CENA 4

(Amanhece. Região rochosa às margens do deserto. Peer surge, com um bastão feito de um galho de árvore)

PEER - Deus do céu, que noite! Já não tenho idade para dormir nos ramos das árvores. *(Acende um cigarro e contempla o deserto)* Que solidão imensa, sem fim! O que será que Deus queria quando criou este espaço vazio e sem vida? Este deserto árido, inútil, um cadáver que nunca rendeu nada para o criador, nem mesmo “obrigado”!? Porque será assim? A natureza é perdulária. *(Inquieto)* Mas o destino vai me ajudar a sair daqui e encontrar de novo o meu caminho. Avante! Meu reino – ou melhor: a metade de meu reino por um cavalo! *(O cavalo relincha)* Um cavalo! E roupas! Armas! Jóias! *(Aproximando-se)* Eu li não sei onde que a fé remove montanhas – mas será que transporta cavalos também? Bom, é mesmo um cavalo, sem sombra de dúvida. *(Veste a roupa por cima da sua e contempla-se)* Sir Peer, e ainda por cima turco! Realmente, nunca se sabe o que pode acontecer. *(Monta o cavalo)* Estribos de ouro para apoiar os meus pés! É pela nobre arte da sela que se conhece o grande homem!

(Desaparece a galope no deserto)

CENA 5

(Um oásis. Debaixo de uma tenda de sheik árabe, Peer Gynt, com o seu traje oriental, toma café estendido num divã e fuma um cachimbo turco. Diante dele, dançam e cantam Anitra e um coro de raparigas)

O CORO - Glória, glória ao profeta
Senhor do Tempo e do Destino,
Que veio pelo mar de areia
Para este oásis pequenino.
Flautas, cantai a nossa imensa alegria
Em honra do profeta e da sua sabedoria!

ANITRA - O seu olhar é manso e compassivo.
Fios de ouro cobrem o seu peito altivo.
Em todo o Marrocos, e daqui até Meca,
Não há ninguém mais sábio que o profeta.

O CORO - Flautas, cantai a nossa imensa alegria
Em honra do Profeta e da sua sabedoria!

(As raparigas dançam ao som de uma melodia tocada em surdina)

PEER - Está escrito: “Ninguém é profeta na sua terra” – e é verdade. Estou muito mais à vontade aqui do que no meio dos armadores de Charleston! Lá havia qualquer coisa de falso, sentia-me sempre um estrangeiro, um peixe fora d’água. Aqui, não! A vida de profeta é muito mais adequada para mim. Profeta! Por Deus, é uma coisa de que eu gosto! E tão imprevista! Tinham roubado o cavalo e as roupas do sultão de Marrocos. Quando se viram em apuros, os ladrões largaram tudo. Eu vesti as roupas, montei no cavalo e vim parar no meio destes inocentes filhos da natureza. “É o Profeta!” – para eles, não havia dúvidas. E eu não podia decepcioná-los. Uma coisa é profetizar, outra é mentir. Além do mais, posso ir quando quiser, do mesmo jeito que vim. Não estou preso a nada. Meu cavalo está selado, em suma: sou dono da situação.

ANITRA - *(Aproximando-se)* Meu amo e profeta!

PEER - O que quer a minha escrava?

ANITRA - Os filhos do deserto estão diante da tenda e pedem para contemplar a tua face.

PEER - Nem pensar. Diz-lhes para ficarem lá fora, só escuto as súplicas à distância! Explica-lhes, Anitra, que não tolero homens na minha tenda. Os homens, minha filha, são criaturas que não prestam, uns degenerados! Ó, Anitra, nem imaginas o quanto eles me roubaram – hum, quer dizer – pecaram, minha filha, pecaram! Agora dancem, mulheres! O profeta quer afastar as lembranças penosas!

O CORO - *(Dançando)* O bom profeta chora e se desespera
Pelos pecados dos filhos da terra.
E ensina os beduínos a terem juízo

Para poderem entrar no paraíso.

PEER - *(Acompanha com os olhos a dança de Anitra)* Ela mexe as pernas como baquetas num tambor! Que rapariga deliciosa! Os pés dela não estão lá muito limpos; os braços também não. Mas a rigor não é um defeito, dá-lhe até um certo charme. Anitra, vem cá!

ANITRA - *(Aproximando-se)* Tua escrava te escuta!

PEER - Tu és sedutora, minha filha, és a inspiração do profeta! Queres uma prova? Vais ser uma hurí no meu paraíso!

ANITRA - Mas como, se eu não tenho alma?

PEER - Vou arranjar-te uma.

ANITRA - Como, meu amo?

PEER - Deixa isso comigo. Vou cuidar da tua educação. Não tens alma? Pois, tu és meio burrinha, isso eu já havia percebido com dor no coração, sabes? Mas caramba! Há sempre um lugarzinho para se encaixar uma alma. Anda cá, quero medir o teu crânio. Ah, eu sabia! Há espaço de sobra. Claro que não para uma alma grande, daquelas bem profundas, para isso não há sítio. Mas terás o suficiente para não fazeres má figura.

ANITRA - O Profeta é tão bom, mas...

PEER - Fala, não tenhas medo, fala!

ANITRA - Na verdade, eu não me importo muito com essa história de alma. Preferia ter...

PEER - O quê?

ANITRA - *(Indicando o turbante dele)* Essa opala linda!

PEER - *(Dando-lhe a jóia com entusiasmo)* Ah, Anitra, filha legítima de Eva! Deixas-me rendido ao teu poder magnético! Porque eu sou antes de tudo um homem, e como diz um autor da moda: "Sinto-me atraído pelo Eterno Feminino".

CENA 6

(Rota das caravanas. O oásis perde-se no horizonte. Peer Gynt galopa num cavalo branco, com Anitra na garupa)

ANITRA - Deixa-me, ou eu mordo-te!

PEER - Gatinha selvagem!

ANITRA - Não tens vergonha? Um velho profeta como tu!.....

PEER - Qual o quê, o Profeta não é nada velho, tu é que és uma tolinha.

ANITRA - Larga-me, eu quero voltar!

PEER - Os pássaros livres como nós, quando fogem da gaiola, não voltam nunca mais. E depois, não se pode ficar eternamente no mesmo sítio, sabes? O que se ganha em convívio perde-se em respeito, sobretudo para quem tem fama de Profeta. Já começavam a escassear o incenso e as rezas.

ANITRA - Tu és mesmo Profeta?

PEER - Eu sou o teu Imperador! (*Tenta beijá-la*) Vejam só a pombinha, como se eriça toda!

ANITRA - Dá-me esse anel que trazes no dedo.

PEER - Toma essas bagatelas todas, minha querida!

ANITRA - As tuas palavras são cantos de alegria.

PEER - Ah! Como é bom ser amado com paixão! Quero desmontar! (*Entrega-lhe o chicote e desce do cavalo*) Quero levar como um escravo as rédeas da tua montaria! Eisme a caminhar como um peregrino do amor, coberto de areia e pó, até cair aos teus pés! Eu sou jovem, Anitra, não te esqueças disso! E se o teu entendimento fosse um pouco menos espesso, ó minha glória rosada, talvez percebestes que o teu amante é jovem porque faz loucuras.

ANITRA - É verdade! És jovem, sim. Tens aí mais anéis?

PEER - Então não tenho! (*Dá-lhe mais jóias*) Olha, sou capaz de saltar como um cabrito! Vê como eu danço!

(*Dança e canta*)

ANITRA - Estás todo suado, meu profeta, estou com medo que tu te derretas neste calor. Deixa-me levar esse embrulho pesado que o profeta traz preso à cintura.

PEER - Ah! Chega dessa história de profeta! Depois de tanta alegria, eu queria que me desses uma tristeza bem grande. Doce é sofrer quando se ama. Olha, eu vou dar a alma que te prometi.

ANITRA - Obrigada, eu vivo muito bem sem ela. Mas o profeta quer mesmo que lhe dê uma tristeza bem grande?

PEER - (*Levantando-se*) Ah! Sim, morte da minha alma! Um pesar violento, mas curto. Que dure uns dois ou três dias, no máximo!

ANITRA - Anitra obedece às ordens do Profeta! Fui!

(*Dá uma chicotada forte nos dedos de Peer, arrebatá-lhe as rédeas e parte a galope*)

PEER - *(Como que fulminado por um raio)* O quê! Por todos os....!

(Sai a correr atrás dela)

CENA 7

(Outro ponto do deserto. Uma hora mais tarde. Peer chega exausto. Com movimentos lentos, despoja-se peça a peça de seus trajes orientais. Joga para longe o turbante. Em seguida, tira do bolso o seu boné de viagem, coloca-o na cabeça e está de novo no seu traje europeu)

PEER - Ali jaz o turco e aqui estou eu. Tentar ser pagão não me serviu pra nada. Ainda bem que acabou a farsa. Um pouco mais e eu caía no ridículo. Errei, é verdade, mas isso foi o resultado da vida de profeta, uma vida nauseabunda, sem ação, sem sal e sem graça, que depois me dava aquela tusa incontrolável. Ser profeta é doentio! Ela roubou-me, a safadinha! Mas ainda tenho umas poupanças, um dinheirinho p'ro gasto, depósitos nos Estados Unidos... Pelo menos não estou a pedir esmolas. E sabe-se lá se essa mediocridade não é o que existe de melhor na vida? Que caminho tomarei? São tantos na minha frente! E o que diferencia os sábios dos imbecis é a escolha do caminho. Já sei: vou fazer uma viagem cronológica e retrospectiva ao passado da humanidade. Que venham a mim os feitos e os heróis antigos! O presente não vale um caracol. Os homens de hoje não têm tutano nem fé. Os seus atos não têm peso, as suas almas não têm asas. E as mulheres, então, *(Dá de ombros)* são um produto inferior.

(Sai)

CENA 8

(Dia de verão no extremo norte. Uma cabana na floresta. A porta, aberta, tem uma fechadura enorme, e sobre ela, chifres de rena. À porta, uma mulher, já madura, loura e bonita, fia, sentada ao sol)

SOLVEIG - *(Olha para o caminho e canta)* Um Outono ainda e um Inverno também
Um Verão inteiro e mais uma Primavera
Eu continuo à tua espera,
Pois virás um dia sem avisar ninguém.
Eu mantereí a minha promessa
De sempre, sempre te esperar.
Deus te guarde por todos os caminhos por onde fores,
Dirija os teus passos, bendiga a tua mão.
Sem queixas, eu fico aqui a te esperar.
Se me esperares lá em cima, irei a ti mais tarde me juntar.

CENA 9

(Egipto, nos arredores de Gizeh . Amanhece. Vê-se a grande esfinge talhada na pedra. Peer Gynt chega, caminhando tranquilamente)

PEER - Comecemos pelo Egípto. (*Observa atentamente a Esfinge*) Cum caraças, onde foi que eu já vi alguém com essa cara de pesadelo? Mas quem? Ah, sim, é a Curva, eu parti-lhe a fuça – ou sonhei que parti, sei lá, eu estava cheio de febre... (*Aproxima-se*) Então, Curva? Continuas cheia de enigmas? Vamos lá ver se respondes como da outra vez. (*Em voz alta*) Hei, tu aí, Curva! Quem és tu?

UMA VOZ - (*Por detrás da Esfinge*) Ach, Sphynx, wer bist du?

PEER - Um eco que fala alemão! Que fenómeno estranho!

A VOZ - Wer bist du?

PEER - Uma pronúncia impecável. Aí está, acabo de fazer uma observação inédita. (*Escreve no seu caderno de notas*) “Eco alemão, sotaque de Berlim”.

BEGRIFFENFELD - (*Sai de trás da Esfinge*) Um homem!

PEER - Ah, já percebi de quem era a voz. (*Escreve*) “Modifiquei mais tarde estas primeiras impressões”.

BEGRIFFENFELD - (*Demonstrando inquietação*) Desculpe, senhor, mas o que veio fazer aqui?

PEER - Uma visita. Vim rever uma amiga da juventude.

BEGRIFFENFELD - Quem? A Esfinge?!

PEER - Há muito que nos conhecemos.

BEGRIFFENFELD - Wunderbar! Conhece-a bem, então? Diga-me, eu lhe imploro de joelhos: quem é ela?

PEER - Quem é ela? É óbvio: ela é ela mesma.

BEGRIFFENFELD - (*Dá um salto de alegria*) Fantástico! O enigma da vida esclareceu-se com a rapidez de um relâmpago! Ela é ela própria, diz o senhor. Mas tem a certeza?

PEER - Bem, pelo menos é o que ela afirma.

BEGRIFFENFELD - O si mesmo! Soou a hora da revolução, afinal! (*Tirando o chapéu*) Sua graça, senhor?

PEER - Chamo-me Peer Gynt.

BEGRIFFENFELD - Peer Gynt! Que nome alegórico! É um mistério, um abismo. Quer dizer o Desconhecido, o Prometido, aquele cuja chegada me foi anunciada... Quem é o senhor?

PEER - *(Modestamente)* Sempre procurei ser eu mesmo. Aliás, está aqui o meu passaporte.

BEGRIFFENFELD - A chave do enigma! Cada palavra sua é um ensinamento profundo! *(Agarra-o pelo punho)* Vamos para o Cairo! Encontrei o imperador dos sábios!

PEER - O imperador?

BEGRIFFENFELD - Venha, venha!

PEER - Sou tão famoso assim?

BEGRIFFENFELD - *(Arrastando-o)* O imperador de si mesmo, sentado no trono do seu próprio eu!

CENA 10

(No Cairo .Um pátio amplo cercado por edifícios e altas muralhas. Janelas com grades. Jaulas de ferro. Begriffenfeld faz entrar Peer Gynt, fecha o portão e mete a chave no bolso)

PEER - *(Em aparte)* De fato, isso é que é uma catedrática! Quase tudo o que ele diz é incompreensível. *(Olhando à sua volta)* Então, isto aqui é que é o clube dos sábios?

BEGRIFFENFELD - Encontra-os aqui a todos. *(Puxa – o para um canto e fala-lhe em voz baixa)* Herr Gynt, posso confiar em si? É terrível, mas preciso de desabafar com alguém!

PEER - *(Com crescente desconforto)* O que é que se passa?

BEGRIFFENFELD - A razão absoluta faleceu ontem, às onze da noite.

PEER - Deus todo poderoso!

BEGRIFFENFELD - Pois, é extremamente lamentável. E a minha situação torna esse acontecimento ainda mais desagradável. Porque até agora este estabelecimento era considerado um asilo para doentes mentais.

PEER - Um manicômio!

BEGRIFFENFELD - E eu era a Diretora. Mas isso agora acabou, está a perceber?

PEER - *(Pálido, num fio de voz)* Sim, agora estou a perceber. Essa mulher está doida varrida, e ainda ninguém reparou!

(Afasta-se)

BEGRIFFENFELD - *(Segue-o)* Quando eu digo que a razão expirou, é força de expressão. Na verdade, a razão saiu de si própria, saiu da sua própria pele. Como é evidente, isso vai provocar uma revolução mundial. As pessoas consideradas loucas até as onze da noite de ontem, tornaram-se normais, e aquelas que até então eram consideradas mentalmente sãs passaram a ser loucas, a partir das onze da noite!

PEER - Por falar em horas, estou atrasado para um compromisso.

BEGRIFFENFELD - Não há mais compromissos neste novo tempo! *(Abre uma porta e grita)* Saiam! A razão morreu! Saúdem a aurora da vossa libertação! O vosso imperador chegou!

(Um após outro, os loucos aparecem no pátio)

PEER - Imperador!

BEGRIFFENFELD - Nada de falsas modéstias! Um homem que decifrou o enigma da esfinge?! Um homem que consegue ser ele mesmo?!

PEER - Pois, aí é que a porca torce o rabo. É verdade, eu sou eu próprio dos pés à cabeça. Mas aqui, se não me engano, trata-se antes de estar fora de si, de sair de si próprio...

BEGRIFFENFELD - Sair de si próprio? O senhor está redondamente enganado. Ao contrário: cada um aqui é ele próprio, com toda a intensidade. Cada um é ele próprio até dizer basta. Cada um mete-se dentro do barril de si próprio, fica mergulhado na fermentação de si próprio, hermeticamente fechado pelo tampão de si próprio. Aqui, ninguém chora os males alheios, ninguém tem ouvidos para as idéias dos outros. Somos nós mesmos até à medula. Portanto, se vamos ter um imperador, o senhor é o homem que nos faltava. Não há dúvida. Quer ver como eles são eles próprios? Vamos pegar no primeiro que passar. *(Para um felá que carrega uma múmia às costas)* Bom dia, rei Ápis como vai vossa alteza?

O FELÁ - *(Perturbado, para Peer)* Sou eu o rei Ápis?

PEER - *(Escondendo-se atrás do Doutor)* Eu não tenho competência, confesso... Mas, a julgar pelo seu tom de voz...

O FELÁ - O senhor também está a mentir.

BEGRIFFENFELD - Que vossa majestade se digne a explicar-lhe o caso.

O FELÁ - Pois bem! Está a ver isto que eu levo às costas? Chamava-se o rei Ápis. Agora chamam-lhe múmia, e como se não bastasse, está morto. Foi ele quem construiu todas as pirâmides e esculpiu na pedra a grande esfinge. Por isso o Egito fez dele um Deus, que era adorado num templo sob a forma de um boi. Mas o verdadeiro rei Ápis sou eu, isso é claro como a luz do dia. O senhor duvida? Eu posso provar. Um belo dia o rei Ápis andava a caçar, e apeou-se do cavalo para fazer as suas necessidades num terreno que pertencia ao meu bisavô. Ora, desse terreno adubado pelo grande rei brotou o trigo que me alimentou. Quer outra prova? Trago na minha cabeça chifres invisíveis. Não é mesmo uma maldição que ninguém reconheça os meus títulos? Por nascimento

sou o rei Ápis, mas aos olhos do vulgo sou apenas um felá. O senhor não poderia dar-me algum conselho? Fale com franqueza. O que é que eu hei de fazer para que todos reconheçam em mim o grande rei Ápis?

PEER - Basta que vossa alteza construa pirâmides e mande esculpir uma esfinge ainda maior.

O FELÁ - Pois, falar é fácil... Eu, um felá morto de fome!? Mal consigo manter a minha choupana livre de ratos e ratazanas. Vá lá, senhor, dê-me uma idéia melhor – algo que eu possa fazer para ficar famoso sem perigo, e que me torne igual ao rei Ápis que trago aqui às costas!

PEER - E que tal se vossa alteza se enforcasse e depois se deixasse ficar debaixo da terra, completamente morto como ele?

O FELÁ - Grande idéia! Minha vida por uma corda! Viva a força! No início ainda vai se notar alguma diferença, mas depois o tempo iguala tudo.

(Afasta-se e prepara-se para se enforcar)

BEGRIFFENFELD - Isso é que é personalidade! Não é mesmo, mein Herr? Um sujeito metódico!

PEER - Sim, sem dúvida, mas... Ele vai mesmo enforcar-se! Façam alguma coisa! Estou-me a sentir mal, tenho a cabeça a andar à roda!

BEGRIFFENFELD - É só um estado de transição, passa logo.

PEER - De transição? De transição para que? Peço imensas desculpas, doutor, mas tenho de me ir embora.

BEGRIFF - *(Tenta detê-lo)* O senhor está louco, é?

PEER - Ainda não... Deus me livre e guarde!

(Tumulto. O ministro Hussein atravessa a multidão e aproxima-se deles)

HUSSEIN - Informaram-me que um imperador acabou de chegar. *(A Peer)* É o senhor?

PEER - *(Desesperado)* Parece que sou eu, sim!

HUSSEIN - Muito bem. Há aqui uns documentos que devem ser assinados.

PEER - *(Arrancando os cabelos)* Isto vai de mal a pior. Vamos lá, força!

HUSSEIN - Podia dar-me a honra de me molhar no tinteiro? *(Inclina-se profundamente)* Eu sou uma pena de escrever.

PEER - *(Inclina-se ainda mais)* E eu, como vê, sou um velho pergaminho imperial.

HUSSEIN - A minha história, senhor, é muito simples: tomam-me por um mata-borrão, mas eu sou uma pena de pato!

PEER - E minha história, ó Pena de Pato, é muito breve: sou uma página em branco que jamais será escrita.

HUSSEIN - As pessoas não percebem para que é que eu sirvo, querem usar-me só para secar a tinta!

PEER - E eu já fui um livro dourado nas mãos de uma mulher. A sabedoria e a loucura são meros erros tipográficos.

HUSSEIN - Uma faca! Estou embotada! Raspem-me! Afiem-me!

BEGRIFFENFELD - O senhor quer uma faca? Cá está.

HUSSEIN - *(Pegando nela)* Ah, agora sim vou-me embeber de tinta! A volúpia com que eu me vou cortar!

BEGRIFFENFELD - *(Afasta-se)* Não me salpique!

PEER - *(Em pânico)* Agarrem-no!

HUSSEIN - É isso, agarrem-me! Agarrem na pena de escrever! *(Degola-se)* Papel! Papel!

(Cai)

PEER - *(Perdendo os sentidos)* O que vai ser de mim? O que é que eu sou? Traficante! Profeta! Troll das montanhas! Ó Senhor – ajuda-me! Alguma coisa se partiu dentro de mim... *(Berra)* Já nem sei mais o Teu nome. Ajuda-me, ó Tu, Guardiã de todos os loucos!

(Cai desmaiado)

BEGRIFFENFELD - *(Com uma coroa de palha na mão, monta em Peer e diz)* Vejam como ele triunfa, no seu trono de lama – está em êxtase, está fora de si! É o momento para coroá-lo! *(Põe-lhe a coroa na cabeça e grita)* Viva! Viva Peer Gynt, o Imperador de Si-Mesmo!

ACTO V CENA 1

(A bordo de um navio, nas costas da Noruega. Pôr-do-sol. Mar agitado. Peer Gynt, um ancião cheio de vigor, de cabelos e barba brancos, está na popa. Veste um traje semelhante a um uniforme de marinheiro, com botas de cano alto. As suas roupas estão gastas e puídas. As suas feições têm agora uma expressão mais dura. O capitão está perto do timão, a tripulação está na proa)

CAPITÃO - *(Gritando para a tripulação)* Dois homens para o leme! Içar a lanterna!

PEER - Que vendaval!

CAPITÃO - Esta noite vamos ter tempestade.

PEER - Onde é que fica a montanha de Ronden?

CAPITÃO - Logo ali adiante.

PEER - Foi o que pensei.

CAPITÃO - Pelos vistos, o senhor conhece bem estas paragens.

PEER - Quando deixei a minha terra, o barco passou por aqui. As recordações da juventude nunca se apagam da memória. Acha que chegaremos antes do raiar do dia?

CAPITÃO - Se o tempo não piorar muito.

PEER - Ah, é verdade, lembre-me de dar uma boa gorjeta à tripulação, antes de eu desembarcar.

CAPITÃO - É muita gentileza da sua parte. A maioria ganha pouco, e todos têm mulher e filhos. É difícil viver com salários tão mirrados.

PEER - Ah, então eles são casados? Têm mulher e filhos?

CAPITÃO - Todos eles, sim senhor, sem exceção. O que me dá mais pena é o cozinheiro: na casa dele, é só fome e miséria.

PEER - Casados, é? Com a família à espera deles em casa, à frente de uma lareira, e a miudagem alegre, numa algazarra dos diabos? É a felicidade, não?

CAPITÃO - De certeza que é. Por isso agradeço-lhe desde já pelo presente de despedida que lhes vai dar a eles.

PEER - *(Dando um murro na amurada)* Mas nem pensar! Tem piada. Pensa que eu sou doido, é? Que me arruinar para alegrar os filhos dos outros? O meu dinheiro custou-me muito a ganhar! Lá na terrinha, não há ninguém à minha espera.

CAPITÃO - O dinheiro é seu, faça dele o que quiser. E agora, vai-me desculpar, mas vem aí a tempestade.

(Dirige-se para a proa. O céu torna-se escuro e ameaçador. Névoa e nuvens espessas. Acendem-se luzes. O barco balança com força. Peer cambaleia e esforça-se por manter-se de pé)

PEER - Que sacudidela! O mar trabalha como se fosse pago p'ra isso. Nada mudou por estas bandas: o mar do Norte continua hostil, violento e traiçoeiro. *(Ouve gritos)* O que é que tanto gritam?

VIGIA - *(Na proa)* Destroços de um barco naufragado a sotavento!

CAPITÃO - *(Na ponte do meio)* Leme a estibordo! Recolher as velas!

TIMONEIRO - Há alguém no meio dos destroços?

VIGIA - Estou a ver três homens!

PEER - Desçam o bote salva-vidas! Depressa!

CAPITÃO - Não, o salva-vidas afunda-se antes de lá chegar.

(Vai para a proa)

PEER - Não interessa! Façam alguma coisa! *(Aos membros da tripulação)* Salvem-nos, se forem homens! Que diabo, será que estão com medo de molhar os pés, é?

CONTRAMESTRE - Com o mar assim, não há nada a fazer.

PEER - Não ouvem os gritos? Vejam, o vento acalmou! Tu aí, cozinheiro, não queres arriscar? Desce lá, dou-te uma boa recompensa!

COZINHEIRO - Nem por duzentas libras.

PEER - Ah, cobardes miseráveis! Pensem naqueles infelizes, que também têm mulher e filhos em casa, à espera!

CAPITÃO - Golpe de mar! Virar a estibordo!

TIMONEIRO - Os destroços foram ao fundo.

PEER - Não se ouvem mais os gritos ...

TIMONEIRO - Se eles eram casados, como o senhor diz, o mundo agora tem mais três viúvinhas.

(A tempestade aumenta. Peer Gynt vai à popa do navio. Já anoiteceu. Uma passageira desconhecida, de pé ao lado de Peer, saúda-o cortesmente)

VIGIA - *(Gritando)* Recifes à vista! Cuidado! Recifes à proa!

PEER - O meu cofre! As minhas malas! A minha bagagem toda para o convés!

CONTRAMESTRE - Temos mais que fazer.

PEER - Eu estava a brincar, capitão, não falei a sério! É claro que vou dar uma ajuda ao cozinheiro!

CAPITÃO - O mastro grande partiu-se ao meio!

CONTRAMESTRE - As velas estão a rasgar-se!

TIMONEIRO - *(Na proa)* A proa encalhou!

CAPITÃO - A quilha partiu-se! Vamos naufragar!

(O navio naufraga. Barulho, tumulto)

CENA 2

(Ondas agitadas e recifes perto da costa. Através da névoa, vê-se o bote salva-vidas, com dois homens. Uma onda fá-los virar e submergir. Um grito, depois um momento de silêncio. Pouco depois, vê-se emergir a quilha, e logo a cabeça de Peer a sair da água)

PEER - Socorro! Um bote! Socorro! Vou-me afundar! Está escrito: "Salvai-me, oh senhor"

(Agarra-se ao costado do bote)

COZINHEIRO - *(Nadando ao lado oposto)* Jesus Santíssimo! Tende piedade dos meus filhinhos! Permiti que eu chegue até à praia!

(Agarra-se ao costado do bote)

PEER - Larga!

COZINHEIRO - Larga tu!

PEER - Dou cabo de ti a pontapés! Larga, já disse! A tábua não chega para dois!

COZINHEIRO - Eu sei! Por isso é que tu tens que largar!

PEER - Eu, não! Tu! O herói nunca morre ao meio do quinto ato! Larga daí!

COZINHEIRO - Nem morto!

(Lutam os dois. O cozinheiro fica ferido numa das mãos, mas continua agarrado à tábua com a outra)

PEER - Solta essa pata, animal!

COZINHEIRO - Tenha pena de mim, chefe! Pense nos meus filhinhos, que me esperam lá em casa!

PEER - Eu preciso mais da vida do que tu, ainda nem sequer tenho filhos!

COZINHEIRO - Largue! Eu ainda sou novo, o senhor já viveu a sua vida!

PEER - E vou viver muito mais! Afoga-te de uma vez por todas! (*Agarrando-o pelos cabelos*) Pelos cabelos, estou-te a agarrar pelos cabelos! Agora reza as tuas últimas orações! Vá, despacha-te!

COZINHEIRO - Já não me lembro de nenhuma. Não estou vendo mais nada!

PEER - Depressa, só as partes mais importantes!

COZINHEIRO - O pão-nosso de cada dia...dai-nos o pão nosso...

PEER - Bem se vê que foste cozinheiro!

(*Larga-o*)

COZINHEIRO - (*Desaparecendo*) Dai-nos hoje... o pão-nosso de cada dia...

(*Afoga-se*)

PEER - Amem, meu caro! Foste fiel a ti mesmo até o fim! (*Sobe no casco do bote*) Li uma vez – não sei onde – mas é um fato: o herói nunca morre a meio do quinto ato.

CENA 3

(*Na encosta de uma colina junto ao leito seco de um rio. Um velho moinho em ruínas. Por toda a parte, devastação, vestígios de uma avalanche. Mais para cima, uma grande quinta, onde ocorre um leilão. Há muita gente, bebe-se e fala-se ruidosamente. Peer Gynt está sentado sobre uns escombros, perto das ruínas do moinho*)

O HOMEM DE LUTO - Agora para o fim só restam umas velharias. (*Repara em Peer Gynt*) Veio até gente de fora! Deus vos guarde, meu amigo.

PEER - E a você também, amigo. Isto aqui está hoje bastante animado. É um batizado ou um casamento?

O HOMEM DE LUTO - Eu diria antes que é a inauguração de uma nova casa: a falecida Ingrid decidiu ir deitar-se com os vermes.

PEER - E os vermes andam a disputar entre si os trapos e os farrapos...

RAPARIGA 1 - (*Mostrando uma forma*) Olhem só a velharia que eu comprei! É a forma que o Peer Gynt usava para fundir botões de prata!

RAPAIZ 2 (*Mostrando uma cabeça de cabrito empalhada*) E este é o cabrito que levou o Peer Gynt pelos ares até o cume do monte Gendin!

PEER - Quem é esse tal de Peer Gynt de quem vocês tanto falam?

RAPARIGA 3 - Eu só sei que ele era parente da falecida e do viúvo, o Aslak.

(Indica o Homem de Luto)

RAPARIGA 4 - Não, ele era primo ali do Mads Moen.

(Indica o Homem de Cinza)

O HOMEM DE CINZA *(Que ouviu esta última frase)* Vamos beber um trago, Aslak. Não adianta, por mais que se faça ou desfaça, Somos todos parentes do Peer Gynt e da sua raça.

(Afastam-se juntos)

PEER - *(Em voz baixa)* Sim, senhor! Velhos amigos de outros tempos...

RAPARIGA 5 - *(Mostra um martelo e grita para o homem de luto)* Hei, Aslak! É este o martelo que usaste para partir a noz com o diabo dentro?

RAPARIGA 6 - *(De mãos vazias)* Hei, Mads Moen, olha aqui o traje invisível que o Peer e a Ingrid usaram para fugir!

PEER - E então, a malta não me paga um copo? Acho que estou mesmo velho... É melhor pôr as minhas velharias no leilão, o que é que acham?

O MENINO - Depende. O que é que tens aí pra vender?

PEER - Um castelo em Ronden. Têm paredes sólidas como rochas.

O MENINO - Ofereço-te um botão por ele.

PEER - Não, tens de me oferecer um copito. Menos do que isso não é decente.

OUTRO MENINO - Tem piada, esse velho!

(Agrupam-se em volta de Peer)

PEER - *(Gritando)* O meu cavalo branco! Quem quer o meu cavalo branco de sultão?

UMA VOZ - Onde está ele?

PEER - Lá longe, no meio do deserto, meus filhos. É um valente corcel, tão veloz a galopar como o Peer Gynt a mentir.

VOZES - O que mais tens para vender?

PEER - Um sonho: um missal com fechos de ouro! Esse, podem comprar pelo preço de um colchete.

RAPAZ 2 - Quero lá saber de sonhos!

PEER - O meu império! Não, esperem lá: vou atirá-lo para o alto, é de quem o apanhar!

O MENINO - Com a coroa e tudo?

PEER - Ah, uma magnífica coroa de palha! É do primeiro que a agarrar! Vamos, há mais! O fio de cabelo branco de um louco! A barba do profeta! Tudo isso para quem me mostrar, na montanha, uma placa com uma seta e estas palavras: “É por aqui!”

POLICIAL - Meu caro, se continua a falar desse jeito, vai acabar dando com os costados na cadeia.

PEER - *(Tirando o chapéu respeitosamente)* É provável. Mas o senhor poderia dizer-me quem foi o Peer Gynt?

POLICIAL - O Peer Gynt? Bem, dizem por aí que foi uma espécie de mau contador de histórias.

PEER - E por onde anda esse original personagem?

POLICIAL - Cruzou o mar para ir ao estrangeiro. Como era de esperar, nada deu certo e já lá vão muitos anos desde que o enforcaram.

PEER - Morto e enforcado, é? Pois, como eu previa. O velho Peer Gynt foi ele próprio até ao fim. *(Despede-se)* Adeus – e obrigado pela vossa companhia.

(Cumprimenta e afasta-se. Um silêncio embaraçoso abate-se sobre as pessoas)

CENA 4

(Véspera de Pentecostes. No meio da floresta, próximo a uma cabana com chifres de rena por sobre a porta de entrada. Peer Gynt anda de gatas, à procura de cebolas silvestres)

PEER - O que há de mais importante na vida é encher a barriga. Mas com cebolas?... Isto não vai me levar muito longe... Vou ter que colocar umas armadilhas por aí. Afinal, o homem é o rei da criação! E como imperador desta floresta, eu... Imperador?

(Ri sozinho)

Ah, velho louco, sempre a tua fantasia sem freio!

Hoje, não passas de uma cebola descascada pelo meio,

Mas eu vou descascar-te por inteiro. *(Arranca as camadas da cebola, uma a uma).*

Eis a capa de fora – tão rota e tão feia!

É o naufrago triste caído sobre a areia.

Agora as cascas murchas e amareladas,

São o ouro da América, do qual não sobrou nada.

Ah, eis o Profeta, de ricas vestes e coração aberto...

Mas logo cai-lhe a máscara no meio do deserto.

E est'outra, doente, tem manchas pretinhas,

São os escravos no navio, ou os padres na China. *(Arranca várias camadas)*

A cebola é como o homem neste mundo,

Arrancam-se as camadas e não se chega ao fundo. *(Termina de descascar a cebola)*

E agora só restam umas míseras folhinhas,

Cada vez mais miúdas, cada vez mais mesquinhas.
Acabou-se a cebola, e não restou nada.
A natureza às vezes é muito engraçada. *(Joga para longe as cascas da cebola)*
Ah! Meditar sobre a vida – o que é que isso interessa?
É uma perda de tempo, e dá dor de cabeça. *(Vê a cabana e fica perplexo)*
Mas... este lugar... esta cabana ao pé da estrada... *(Esfrega os olhos)*
Já não vi antes esta casa abandonada?
Chifres de rena sobre a porta...! Não, deve ser engano!
Não podem estar lá, depois de tantos anos!

CANTO DE SOLVEIG - *(Dentro da cabana)*
Para o dia de Páscoa está tudo preparado.
Ainda estás muito longe ou já vens a caminho?
Descansa, meu amor, se o teu fardo é pesado,
Eu cá estou à tua espera, como todo o meu carinho.

PEER - *(Levanta-se de um salto, muito pálido)*
Alguém que se lembra e alguém que se esqueceu,
Alguém que guardou o que o outro alguém perdeu.
Oh, vida! – só agora que a perdi posso dizer, a sério:
É aqui, neste lugar, que estava o meu império! *(Foge para dentro da floresta)*

CENA 5

(É noite. Uma clareira de pinheiros devastados por um incêndio. Aqui e ali, vapores pairam por sobre o solo. Peer Gynt atravessa a clareira a correr. O Fundidor, carregando uma caixa de ferramentas e uma enorme concha, chega por um caminho lateral)

FUNDIDOR - Peço desculpas, mas por acaso o seu nome não é Peer?

PEER - Peer Gynt, é o que dizem por aí.

FUNDIDOR - Ah, isso é que é sorte! Pois é justamente o Peer Gynt que eu venho buscar hoje à noite.

PEER - Não me digas! E para que é que me vens buscar?

FUNDIDOR - Estás a ver o que eu tenho aqui? Eu sou fundidor de botões. Tu tens que entrar na minha concha.

PEER - Ah, pois. E p'ra quê?

FUNDIDOR - Para ser fundido de novo.

PEER - Fundido?

FUNDIDOR - Ela já está limpa, prontinha para ti, 'tás a ver? A tua cova está aberta, o teu caixão encomendado. Os vermes já se preparam para um grande repasto no teu corpo esta noite. E quanto à tua alma, o Mestre encarregou-me de levá-la sem demora.

PEER - Ah, já percebi... Mas alto lá, companheiro, isso não pode ser assim, sem mais nem menos...! Carago, acho que eu mereço um tratamento melhor! Olha, eu não sou assim tão mau como pareço; e até fiz coisas boas aqui neste mundo. No máximo, no máximo, eu podia ser considerado um inútil, um aldrabão, mas nunca fui um grande pecador.

FUNDIDOR - Pois, é precisamente aí que está o problema, meu caro amigo: tu não és um pecador daqueles com P maiúsculo, no verdadeiro sentido da palavra. Pecaste sempre à matroca, tudo muito improvisado, sem rigor, sem empenho, sem método.

PEER - Certo, nisso estamos de acordo. E agora que já nos entendemos, se me dá licença...

FUNDIDOR - Calma lá. Também não és um modelo de virtude, de certeza.

PEER - Não, eu nunca disse isso.

FUNDIDOR - Pois, nunca foste competitivo em matéria de virtudes, nem competente em termos de pecados. Ficaste no meio do caminho, não és uma coisa nem outra.

PEER - De fato, nunca me dediquei seriamente a nada, é verdade. Posso seguir o meu caminho?

FUNDIDOR - Sim, para dentro da minha concha de fundir, junto com os outros.

PEER - Que invenção nova é essa que inauguraram na minha ausência?

FUNDIDOR - Chama-se reciclagem, e é o que mais tem funcionado ultimamente. Serve para aproveitar as peças com defeito da fábrica. Tu conheces bem o ofício e sabes que, muitas vezes, saem da forma uns produtos defeituosos, mal feitos. Os botões, por exemplo, às vezes saem sem furos. O que é que fazias, nesses casos?

PEER - Atirava-os logo pro lixo.

FUNDIDOR - Pois, seguiste o exemplo do teu pai, o Jan Gynt – que gastou tudo o que tinha e o que não tinha, até ficar sem um tostão. Mas o Mestre, não. O Mestre – sabes? – é muito poupado, Ele não deita fora nada que possa aproveitar como matéria-prima. Tu estavas destinado a ser um botão resplandecente no colete do mundo, mas os teus furos partiram-se. Portanto, tens de ir para a reciclagem, para voltares de novo a ser massa, percebes?

PEER - Mas isso é coisa de avarento sórdido! Fundir-me junto com sei-lá-quem!? Não, não, mil vezes não! Vou lutar com unhas e dentes! Tudo menos isso!

FUNDIDOR - O que é que queres dizer com “tudo”? Não vês que és pesado demais para subir ao céu?

PEER - Não, eu sou modesto, não aspiro a tanto. Mas por que é que não me julgam segundo os costumes antigos? Manda-me trancar durante uns tempos nos domínios de sua Majestade Muito Côrta. Um século inteiro, se o juiz for severo. É uma coisa perfeitamente suportável, afinal são apenas sofrimentos morais, sempre se dá um jeito, não é verdade? Mas ser dissolvido para depois formar parte de um corpo estranho, e perder o meu eu Gyntiano, único e irrepitível...

FUNDIDOR - O teu eu Gyntiano! Que eu saiba, tu nunca foste tu mesmo. Se desapareceres de vez, isso vai lá mudar alguma coisa?

PEER - Eu nunca fui eu mesmo!? Ah, ah, ah, tem piada, essa! Peer Gynt nunca deixou de ser Peer Gynt! Podem virar-me pelo avesso que só encontrarão Peer, e mais Peer, e nada mais que o Peer!

FUNDIDOR - Não é possível. As ordens que eu recebi são muito explícitas: *(Lê)* “Buscar o Peer Gynt, um recém-chegado, que fracassou na missão. É um produto falhado A ser fundido no caldeirão.”

PEER - Que quadrinha estúpida! Deve ser engano, um nome parecido, sei lá! Será que aí está mesmo “Peer”? Tens certeza de que não é “Rasmus Gynt”? Ou “Jan Gynt”?

FUNDIDOR - Esses?! Ih, faz um tempão que já foram fundidos! Deixa-te de conversa fiada, sê um bom menino...

PEER - Pelo menos dá-me mais algum tempo!

FUNDIDOR - Para quê?

PEER - Para provar que eu fui eu próprio durante toda a minha vida. Afinal, a questão toda é essa.

FUNDIDOR - Vais provar? Mas como?

PEER - Com certidões, depoimentos, testemunhas!

FUNDIDOR - Receio que o Mestre não vá se aceitar nada disso.

PEER - Tem que aceitar! Ora, vamos, meu amigo, empresta-me um pouco de mim mesmo, é por pouco tempo, eu volto logo. Afinal, só nascemos uma vez e ficamos agarrados àquilo que somos, ninguém quer ser dissolvido. E então: está combinado?

FUNDIDOR - Vá lá, desta vez passa. Mas lembra-te: temos um encontro marcado na próxima encruzilhada.

(Peer foge)

CENA 6

(Outra parte da charneca)

PEER - *(Apressando o passo)* “Time is money”, dizem as escrituras. Se eu ao menos soubesse onde é que os caminhos se cruzam! Será perto, será longe daqui? Uma testemunha! Onde é que eu vou encontrar uma testemunha?

(Uma velha toda encurvada vem de encontro a ele, a manquejar, com um cajado na mão e um saco nas costas)

VELHA - *(Parando)* Uma moedinha, meu bom senhor, para uma pobre velha sem abrigo.

PEER - Sinto muito, mas não tenho trocado.

VELHA - Oh, meu Príncipe Peer! Quem havia de dizer que nos voltaríamos a encontrar!

PEER - Quem és tu?

VELHA - Então não se lembra da Rainha Brose, de Ronden?

PEER - Não é possível! Não me digas que...

VELHA - A Velha da Montanha, meu paizinho!

PEER - A Rainha! A sério? És mesmo o Velha de Ronden?

VELHA - Nesta decadência toda em que me vê. Arruinada, reduzida à miséria e faminta como uma loba.

PEER - Tra, lalala! Arranjei uma testemunha, e que testemunha! Minha querida sogra, vamos deixar de lado as nossas velhas pendências. Acontece que eu estou metido numa alhada e preciso de uma testemunha, ou de um certificado. Tu bem que me podias prestar um depoimento.

VELHA - A sério? Eu poderia ser útil a Vossa Senhoria? Espero ter uma recompensa decente.

PEER - Como não? Embora eu esteja um tanto curto de dinheiro atualmente, em regime de contenção de despesas... Mas pago-te um copito, arranjo-te uns trocos, não se preocupe. A questão é a seguinte: lembras-te da noite em que eu estive em Ronden como pretendente à mão da tua filha?

VELHA - Claro que me lembro, meu príncipe!

PEER - Deixa essa história de príncipe pra lá e vamos ao que interessa. Por bem ou por mal, a Rainha quis falsear a minha vista, e fazer uma incisão na minha córnea para transformar-me num troll. E eu, o que fiz? Resisti, jurei que nunca deixaria de ser quem

eu era! Renunciei a tudo – ao amor, ao poder, às honrarias – para continuar a ser eu próprio, para ser fiel a mim mesmo. Pois bem, é isso que deves confirmar sob juramento no tribunal...

VELHA - Ah, mas isso eu não posso fazer.

PEER - O que é que 'tás praí a dizer?

VELHA - Vossa Senhoria não quer que eu seja perjura! E o rabo que colocou, e o hidromel que tomou, não se lembra mais?

PEER - Ah, sim – tentaste-me de mil maneiras, mas eu recusei-me a dar o passo decisivo. E, como tudo na vida, o final é o que conta.

VELHA - Mas é exatamente o final que o desmente, Peer Gynt.

PEER - Disparate! Pois se eu...

VELHA - Ao deixar o palácio, Vossa Senhoria partiu com a nossa divisa gravada dentro de si.

PEER - Qual divisa?

VELHA - Aquela frase cortante e definitiva, que distingue os homens dos trolls: “Basta-te a ti próprio!”

PEER - (*Dando um passo para trás*) “Basta-te...”

VELHA - “... A ti próprio!” E desde então adoptou esse lema, com todo o empenho da sua alma.

PEER - Eu? Peer Gynt?!

VELHA - (*Chorando*) Ah, que ingrato! Você viveu sempre como um troll, embora não contasse o segredo a ninguém. Foi a nossa divisa que lhe abriu os caminhos na vida, foi ela que lhe deu riqueza, poder e opulência. E agora quer dar as costas a mim e à divisa à qual tudo deve? (*Tira do bolso um maço de jornais antigos*) Julga que nós não temos jornais? Veja lá os elogios que lhe fazem o “Mensageiro de Rondén” e “O Diário do Dovre”. Quer ler os artigos, Peer? Eu lhe empresto. Este aqui vem assinado: “Pata de Cabra”. O autor demonstra que não importa ter rabo ou chifres – o que vale mesmo são os atos e o entusiasmo de quem os pratica. E conclui ele: “Basta-te a ti mesmo e lixe-se o mundo” – esta é a marca inconfundível dos trolls. Cada homem que a adotar como lema é um dos nossos.” E cita a Vossa Senhoria como exemplo.

PEER - Um troll da montanha, eu?! (*A Rainha concorda com a cabeça*) Tu deves estar louca ou senil. Adeus, aqui tens um vintém para comprar fumo.

VELHA - Só mais um minuto, meu bom príncipe!

PEER - Deixa-me! Vai mas é pr'um hospital, vai!

VELHA - Ah, bem que eu queria! Mas os descendentes do meu netinho – o seu filho – têm agora imenso poder cá no país. E além de destruírem o sistema de saúde, eles dizem que eu sou uma personagem inventada, irreal. É duro, sabe? Passar por uma personagem inventada.

PEER - Pois, minha cara, mas não és a única.

VELHA - E o pior é que lá em Ronden não temos pensões de reforma nem segurança social. São coisas que nunca deram certo entre nós.

PEER - Pudera! Com esse lema: “Basta-te a ti mesmo”! ...

VELHO - Ah, Vossa senhoria não tem porque criticar a nossa divisa. Com toda a fortuna que amealhou...

PEER - Querida sogra, eu hoje não tenho onde cair morto.

VELHA - Oh, que desgraça! Lá se foram as minhas esperanças! Então adeus. Vou tentar arrastar-me até à aldeia.

PEER - O que pensas lá fazer?

VELHA - Vou ver se arranjo trabalho num teatro. Não são precisas habilitações específicas, e agora estão muito em moda os tipos folclóricos.

PEER - Então boa viagem! Dê lembranças a todos por mim. Se eu conseguir desenrascar-me desta, seguirei o mesmo rumo.

(Volta a correr pelo caminho afora. A Velha ainda grita palavras na sua direção, mas estas se perdem ao longe)

CENA 7

(Uma encruzilhada)

FUNDIDOR - *(Detendo-o na encruzilhada)* Então, Peer Gynt: onde estão as tuas provas?

PEER - Pois, a questão é a seguinte: eu decidi renunciar a ser eu mesmo. Provar isso estava a ser meio complicado, portanto deixei de lado essa hipótese.

FUNDIDOR - Ótimo. Então, vamos a isso?

PEER - Espera. É que há pouco, quando eu andava por aí, a meditar, senti – sei lá – um grande peso na consciência. “Peer”, disse eu aos meus botões – desculpe, é força de expressão – “Peer, tu não passas de um grandíssimo pecador”.

FUNDIDOR - Estamos a voltar ao ponto de partida...

PEER - Não, de modo algum. O que eu quero dizer é que sou um grande pecador em todos os sentidos: pensamentos, palavras, atos e omissões. Lá no estrangeiro eu fui um devasso, levei uma vida infernal, percebebes?

FUNDIDOR - Não duvido. Mas preciso de uma certidão.

PEER - Claro, claro, mas então dá-me só mais um tempo! Vou à procura de um padre, confesso tudo rapidamente e num abrir e fechar de olhos trago-te uma certidão como nunca viste igual!

FUNDIDOR - Até à próxima encruzilhada, então. Mas depois, acabou-se.

(Sai)

PEER - Um padre! Um padre! Nem que eu o tenha que arrastar pela batina!

CENA 8

(Uma encosta da montanha, recoberta de urzes. Um atalho sinuoso conduz até ao topo da colina)

PEER - Quem diria que um gajo podia ser salvo pelos próprios pecados! Não é que isso me adiante lá muita coisa: eu saio do fogo para cair na frigideira – ou vice-versa. Mas dane-se! “Enquanto houver vida, há esperança”.

(Uma figura magra, vestida com uma sotaina muito subida, desce apressada a colina, empurrando um carrinho de compras)

PEER - Quem vem lá? Um padre?! Ena! Já vi que sou mesmo o afilhado da sorte! Boa tarde, eminência! Posso ajudá-lo com o carrinho?

A FIGURA - Com todo o gosto; agrada-me muito ter companhia.

PEER - É que eu trago o coração tão pesado!

A FIGURA - Oh, então desabafe, meu filho, desabafe à vontade.

PEER - Tem aqui à sua frente um homem honesto. Sempre respeitei a lei. Mas o senhor sabe, às vezes a gente tropeça, sem querer... E essas coisinhas de nada –

A FIGURA - Ah, são só coisinhas de nada, então!

PEER - Claro. Nunca pequei por atacado; só assim, a varejo.

A FIGURA - Nesse caso, meu caro, peço-lhe que me deixe em paz. Acho que me está a confundir com outra pessoa. O senhor está olhando para as minhas mãos. O que é que vê?

PEER - Que as suas unhas cresceram de um modo anormal.

A FIGURA - E olhe agora para os pés, não vê os cascos? Então.

PEER - (*Tirando o chapéu*) Desculpe, eu podia jurar que vossa excelência era padre. Mas parece que tenho a honra de estar com... Bom, antes assim! É melhor falar com o patrão do que com os gerentes.

A FIGURA - Permita-me apertar-lhe a mão! O senhor parece-me realmente uma pessoa sem preconceitos. Então, meu caro, diga lá: em que posso ajudá-lo? Desde que não me peça nem dinheiro, nem poder!... O senhor não faz idéia da crise que estamos a atravessar. Os negócios vão de mal a pior, é raríssimo encontrar-se almas que prestem...

PEER - A raça humana melhorou assim tanto?

A FIGURA - Piorou, meu caro, piorou muitíssimo! É uma vergonha: a maioria só serve para a concha de fundir.

PEER - Ah, pois, já ouvi falar... Aliás, esse é o assunto que eu tratar consigo, sabe?

A FIGURA - Fale sem medo.

PEER - Bem, nesse panorama de crise, como disse, a clientela anda escassa, e vossa excelência talvez estivesse disposto a fazer algumas concessões, para fecharmos um negócio vantajoso para nós ambos. O salário não é importante. Mas se não fosse pedir muito, eu gostava...

A FIGURA - De um quarto isolado...

PEER - O senhor adivinhou.

A FIGURA - E bem aquecido...

PEER - Mas não muito... Se possível, com uma entrada independente, saídas livres, e o direito de pedir transferência, se aparecer uma oferta melhor...

A FIGURA - Meu caro, lamento profundamente, mas o senhor não imagina a quantidade de pedidos iguais ao seu que eu recebo todos os dias. Sempre que venho buscar uma alma pronta para deixar este mundo, é a mesma lenga-lenga.

PEER - Sim, mas se levarmos em conta tudo o que eu fiz, acho que estou altamente qualificado para a admissão.

A FIGURA - Mas se o senhor mesmo disse que eram ninharias, coisinhas de nada!

PEER - Bem, até certo ponto. Lembro-me, por exemplo, de ter traficado no mercado de escravos ...

A FIGURA - Qual! Outros traficaram com almas e vontades humanas, mas baralharam-se e não conseguiram entrar.

PEER - Mandei estatuetas de ídolos pagãos para a China!

A FIGURA - Bagatelas!... Outros espalharam ídolos muito piores por meio da literatura, dos jornais, do púlpito e da cátedra universitária, e nem por isso abrimos as portas para eles.

PEER - Mas o senhor sabe que me fiz de profeta?

A FIGURA - No estrangeiro? Grande coisa! Quero ver é aqui! Conhece o ditado:

OS DOIS - “Ninguém é profeta na sua terra”, etc. etc.

A FIGURA - Olhe, se o senhor não tiver títulos de mais peso do que esses, confesso que mesmo com a maior das boas vontades não lhe consigo alojamento.

PEER - Então ouça isto: num naufrágio, eu estava agarrado a um bote e... Para encurtar a conversa: fui meio culpado de um cozinheiro ter perdido a vida, afogado.

A FIGURA - “Meio” culpado? Tudo isso são migalhas. Então o senhor acha que nos dias de hoje, com a indústria do armamento e os barões da droga, os crimes de colarinho branco, as prisões clandestinas, os sacos azuis, a pedofilia, o racismo e a xenofobia, os bombardeios, os atentados, o médio-orientes – e com o preço do barril do crude como está, nós temos lá combustível para desperdiçar com casos insignificantes como o seu? Meu caro, não fique zangado e conforme-se com a concha de fundição. O que é que iria ganhar se eu o acolhesse no meu reino? Teria a memória intacta, sem dúvida, mas o que é que ela traria ao seu espírito e ao seu coração? Apenas fatos banais, imagens ridículas, histórias medíocres que não fazem rir nem chorar, só provocam bocejos e irritação. E isso é intolerável, é o verdadeiro inferno! Desculpe lá, mas não tenho tempo a perder com ninharias. Preciso de ir buscar carne para assar, e espero que seja suculenta. Adeus, meu amigo, e boa sorte.

(Sai apressado)

PEER - Agora é que estou mesmo tramado!
Não fui “eu mesmo” nem nos meus pecados!

CENA 9

(Cheio de angústia, Peer penetra mais para dentro da névoa. Silêncio por um tempo. Depois grita)

PEER - Será que não há ninguém, ninguém na terra inteira, ninguém na escuridão, ninguém no céu? Ah, acho que morri muito antes do que o meu corpo! *(Aparece novamente mais abaixo, atira o chapéu ao chão e arrepela os cabelos. Vai-se tornando gradualmente mais calmo)* Quero subir até os píncaros mais altos e escarpados, quero olhar uma vez mais para o sol nascente e contemplar a terra prometida! E então, que a neve caia e se amontoe sobre mim, e que se escreva por cima: “Aqui jaz – ninguém.” E depois... Depois, venha lá o que tiver que vir!

(Tenta esgueirar-se para dentro dos arbustos, mas vai dar à encruzilhada)

FUNDIDOR - Bom dia, Peer Gynt. E então, encontraste um confessor?

PEER - Não, só um cliente do supermercado.

FUNDIDOR - Que azar, não? Bem, o teu prazo terminou. Prepara-te.

PEER - Então é isto o fim. Que cheiro de morte! Ouves o pio da coruja?

FUNDIDOR - Enganas-te, é um sino a tocar para as matinas.

PEER - *(Apontando com o dedo)* E o que é que está ali a brilhar?

FUNDIDOR - A luz de uma vela na cabana.

PEER - E este som que se espraia pela manhã?

FUNDIDOR - É apenas uma mulher a cantar.

PEER - Então é ali que me vão dar a certidão dos meus pecados. *(O dia começa a raiar)* Vai-te embora! Some daqui! Se o mundo fosse cem vezes maior, não caberiam nele os pecados que vou confessar agora.

FUNDIDOR - Está bem, Peer. Vou esperar por ti na terceira encruzilhada. Mas então...

(Sai de cena)

PEER - *(Aproxima-se da cabana e pára)* Para a frente ou para trás, o caminho é sempre longo. Para fora ou para dentro, a porta é sempre estreita. *(Dá alguns passos e pára de novo)* Dá a volta, dizia a Curva. *(Ouve o canto que vem do interior da cabana)* Não, desta vez eu vou em frente, por mais difícil que seja o caminho. *(Corre em direção à cabana, quando Solveig aparece à porta, de roupa domingueira, trazendo na mão o missal enrolado num lenço. Apoiada numa bengala, está ainda esbelta e aprumada. Peer deixa-se cair aos pés dela)* Se tens a sentença para este pecador, fala agora!

SOLVEIG - É ele! Louvado seja Deus! É ele! *(Tateia para o encontrar)*

PEER - Proclama aos quatro ventos todo o mal que eu fiz! Acusa-me dos meus erros e dos meus pecados!

SOLVEIG - De ti não sei de nenhum, meu querido!

(Tateando, acaba por encontrá-lo)

FUNDIDOR - *(Por trás da casa)* Vamos, Peer, a tua certidão!

PEER - Ah, grita bem alto todos os meus crimes!

SOLVEIG - *(Sentando-se ao lado dele)* Tu fizeste da minha vida um cântico de amor. Bendito sejas por teres voltado para junto de mim! Bendita a Páscoa florida que te traz de volta!

PEER - Ah, estou perdido!

SOLVEIG - Não, existe alguém para te ajudar.

PEER - *(Rindo)* Perdido, sim – a não ser que tu saibas decifrar enigmas.

SOLVEIG - Diz-me.

PEER - Então ouve: sabes dizer por onde andou o Peer Gynt desde a última vez que o viste? Podes dizer-me? Senão, só me resta voltar e desaparecer na região das névoas.

SOLVEIG - *(Sorrindo)* Oh, esse enigma é fácil de decifrar.

PEER - Diz-me, então! Onde estive eu, tal como o destino quis que eu fosse, eu mesmo, o meu verdadeiro eu?

SOLVEIG - Na minha fé, na minha esperança, no meu amor.

PEER - *(Recuando de um salto)* O que é que estás a dizer? Ah, cala-te! São palavras enganadoras! Estás a falar de alguém que tu própria concebeste, de um filho que só existe dentro de ti!

SOLVEIG - Então é meu filho, que seja. E ele não tem pai? Tem sim, o pai é aquele que perdoa, aquele que atende aos pedidos da mãe.

PEER - *(Como que iluminado interiormente)* Minha mãe, minha esposa, mulher sem pecado! Esconde-me no teu amor, esconde-me!

(Abraça-se a ela e esconde o rosto no seio de Solveig. Uma longa pausa. O sol nasce)

SOLVEIG - *(Cantando com doçura)* Dorme em paz meu rapazinho,
Vou-te embalar de mansinho,
A criança nos braços da mãe sorri confiante
Para eles a vida foi feliz e passou num instante.
Meu menino em meu seio adormece,
A vida é tão boa, e leve como uma prece.
Hei de embalar-te de mansinho,
Descansa e sonha, meu rapazinho.

VOZ DO FUNDIDOR - *(Por trás da cabana)* Temos um encontro marcado na última encruzilhada, Peer Gynt. E aí veremos.

SOLVEIG - *(Canta mais alto, inundada de sol)*

FIM

www.desvendandoteatro.com